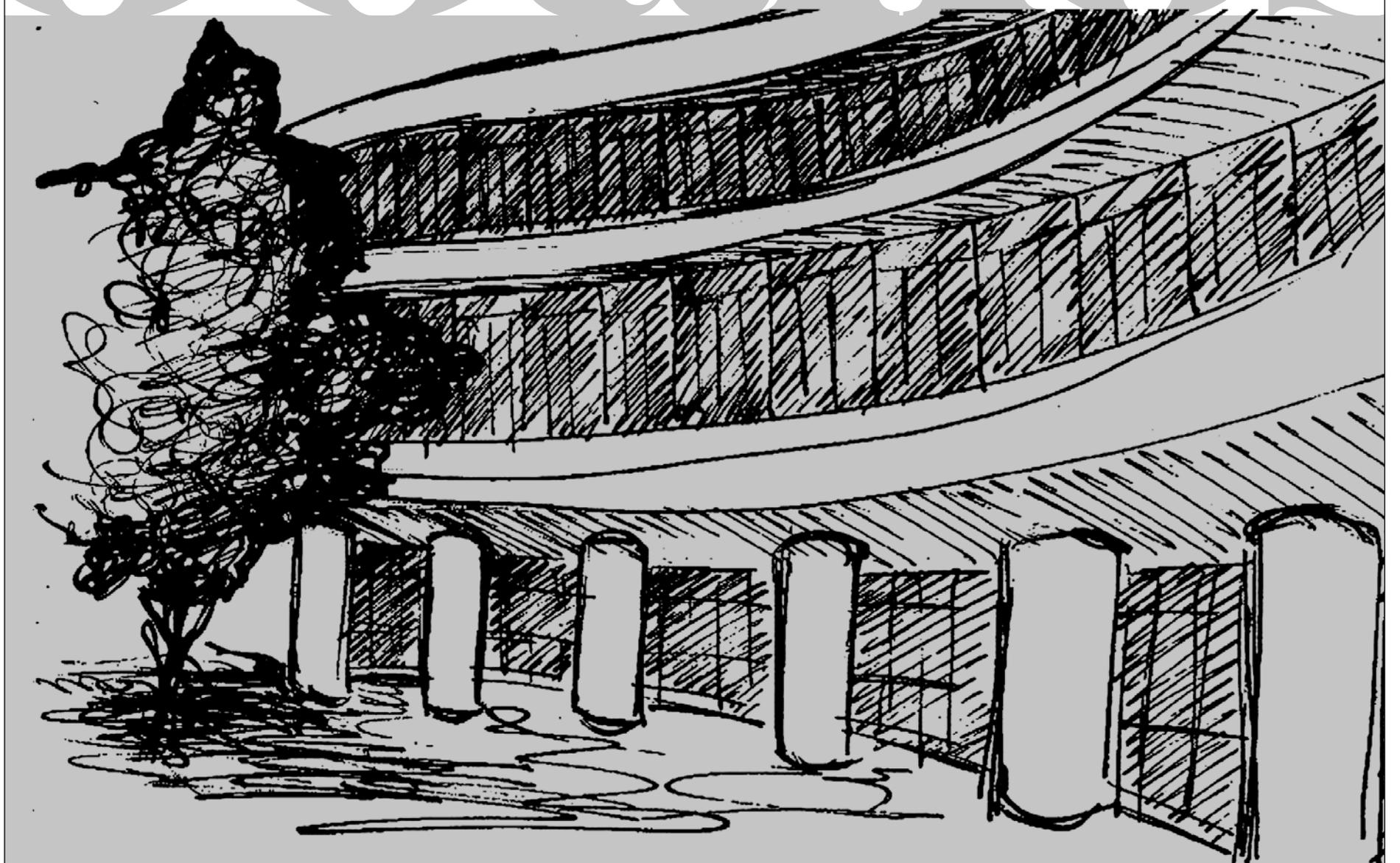


# SUPLEMENTO

Belo Horizonte, Maio/Junho 2014  
Edição nº 1.354  
Secretaria de Estado de Cultura

*da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa*



# SUPLEMENTO



Capa: Andreza Nazareth

**Governador do Estado de Minas Gerais**  
**Secretária de Estado de Cultura**  
**Secretária Adjunta de Estado de Cultura**  
**Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário**

Alberto Pinto Coelho  
Eliane Parreiras  
Maria Olívia de Castro e Oliveira  
Catiara Oliveira Mello Afonso

## Suplemento Literário

**Diretor**  
**Coordenador de Apoio Técnico**  
**Coordenador de Promoção e Articulação Literária**  
**Agência**

Jaime Prado Gouvêa  
Marcelo Miranda  
João Pombo Barile  
Traço Leal

**Projeto Gráfico e Direção de Arte**  
**Diagramação**

Plínio Fernandes  
Carol Luz

**Conselho Editorial**

Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,  
Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques

**Equipe de Apoio**

Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira,  
André Luiz Martins dos Santos, Daniela Mara dos Santos  
Andrade (estagiária)

**Jornalista Responsável**

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

**Textos assinados são de responsabilidade dos autores**

**Acesse o Suplemento online: [www.cultura.mg.gov.br](http://www.cultura.mg.gov.br)**



**IMPRESA OFICIAL**  
Governador do Estado de Minas Gerais

**EUGÊNIO FERRAZ**  
Diretor Geral da Imprensa Oficial  
do Estado de Minas Gerais

O SUPLEMENTO é  
impresso nas oficinas  
da Imprensa Oficial do  
Estado de Minas Gerais

Suplemento Literário de Minas Gerais  
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo – CEP: 30130-180  
Belo Horizonte, MG – Telefax: 31 3269 1143  
[suplemento@cultura.mg.gov.br](mailto:suplemento@cultura.mg.gov.br)



**CULTURA**



A presente edição do *Suplemento Literário de Minas Gerais* comemora os 60 anos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa trazendo um apanhado dos serviços prestados à população ao longo dessas décadas e depoimentos de diversas pessoas que construíram sua história, além de evidenciar a importância desta instituição pública para a preservação do patrimônio do Estado de Minas Gerais, o incentivo à leitura, a disseminação cultural e informacional, o exemplo de democratização e inclusão e a ampliação das ações de conhecimento e formação, entre muitas outras e inesgotáveis funções sociais que desempenha com reconhecida eficiência.

Este número do SLMG, que para nós é muito especial, vem recheado de textos que trazem detalhes e curiosidades da história da Biblioteca, levando os leitores para um passeio no tempo. Outra riqueza que mostramos são as palavras dos depoentes, encabeçados pela Secretária de Estado de Cultura, Eliane Parreiras, exibindo uma multiplicidade de sentimentos e relações pessoais. Muitos dos usuários da Biblioteca contam aqui suas experiências e demonstram seu carinho pela Luiz de Bessa, independente de seus cargos ou profissões.

O acervo da Biblioteca Luiz de Bessa evoluiu bastante dos iniciais 22 mil volumes em 1954 para cerca de 400 mil exemplares e publicações existentes atualmente, considerando os mais variados suportes informacionais entre livros, materiais audiovisuais, revistas e jornais – contemporâneos e históricos – para atender os diversos públicos que compõem nosso amplo universo de leitores, entre crianças, jovens, pessoas com deficiência, adultos, idosos e muitos outros.

A democratização do acesso ao livro e da informação sempre foram contemplados por essa casa, chegando cada vez mais a lugares distantes por meio do Carro-Biblioteca e das Caixas-Estantes que atendem a bairros e instituições da Região Metropolitana de Belo Horizonte, e através do Sistema Estadual de Bibliotecas

Públicas Municipais, que atua nas dez macrorregiões de Minas Gerais, coordenando mais de 800 bibliotecas, que utilizam a Luiz de Bessa como referência.

A promoção de atividades culturais diversificadas possibilita um trabalho rico e gratificante, ampliando o alcance e tornando realidade para milhares de cidadãos a participação e inclusão cultural em eventos de qualidade. Parcerias com o Circuito Cultural Praça da Liberdade, desde sua criação em 2010, e com outras instituições, colocam a Biblioteca Pública Estadual em diálogo com diversos atores estratégicos para fortalecer a atuação cultural em Belo Horizonte e a importância do Estado de Minas Gerais nesse cenário como um todo.

O ano de 2014 é também importante para a Associação de Amigos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa - SABE, que completa 20 anos e está com nova direção, sendo comandada pelo historiador, cientista político e professor Amílcar Martins. A SABE é uma grande aliada da Biblioteca, pois através dela temos realizado vários projetos, otimizando nossos serviços e ações culturais.

O edifício, projetado por Oscar Niemeyer na Praça da Liberdade, tem sua trajetória documentada em fotos, desde o início de sua construção até os dias de hoje, onde temos múltiplos espaços para atender ao público. Desde 2000, a Biblioteca conta com novo prédio Anexo Professor Francisco Iglésias, para melhor acondicionar acervos e serviços.

Comemorar com textos um lugar marcado por histórias, livros e grandes nomes da literatura nacional e internacional é a forma mais apropriada de festejar a trajetória de luta e de vitórias dessa respeitada e querida instituição. Que venham muitos e muitos anos mais!

CATIARA AFONSO  
Superintendente de Bibliotecas Públicas  
e Suplemento Literário

# Uma trajetória cultural

MARIA AUGUSTA DA NÓBREGA CESARINO

Até a década de 1950, Belo Horizonte contava apenas com uma pequena biblioteca pública subordinada à Prefeitura Municipal e localizada na Rua da Bahia, esquina com a Av. Augusto de Lima. Em 1953, o governador Juscelino Kubitschek designou Hélio Gravatá, Etelvina Lima, sua irmã Maria Helena V. Lima, que mais tarde se retirou da comissão, e Cacilda Basílio de Sousa Reis para, sob a presidência de Eduardo Frieiro, constituir a comissão incumbida de planejar a biblioteca do Estado.

Segundo Frieiro, Juscelino Kubitschek “imaginou-a grande, moderna, dinâmica, condizente com o adiantamento da cidade que caminhava célebre para o seu primeiro milhão de habitantes”.

Ainda muito atual, a mensagem enviada pelo Governador Juscelino Kubitschek à Assembléia Legislativa em 18 de janeiro de 1954 propunha ações amplas e populares mas não demagógicas. A nova biblioteca deveria ser o espaço de guarda e preservação do patrimônio bibliográfico de Minas Gerais, mas também caberia a ela oferecer serviços a uma população normalmente distanciada dos livros, transformando-se no espaço polivalente de ações culturais e de convivência.

A visão de futuro de JK previa para a Biblioteca Pública do Estado a vitalidade de um centro cultural aberto a todos. Sua mensagem descreve um projeto inovador mesmo para os dias de hoje, como se percebe pela leitura de alguns trechos:



... a finalidade da biblioteca moderna não se limita a completar os estudos secundários e universitários, ou a proporcionar ao trabalhador intelectual as obras e documentos de que precisa. Tem ao mesmo tempo uma função cultural.

Pela facilidade que oferece ao serviço da auto-educação, escola permanente do adulto, verdadeira universidade do povo, ocupa uma posição de primordial relevo como instituição docente. Cabe-lhe incentivar na criança e no adulto o hábito da leitura e proporciona-lhe os meios de satisfazê-lo. Cumpre-lhe difundi-lo, de modo a alcançar as massas facilitando acesso às suas estantes e levando o livro ao próprio domicílio do leitor, aos hospitais e às prisões.

Não se detém aí a finalidade educativa da biblioteca pública. Indo mais além, transformando-se em animado centro social da comunidade. [...] Abrange atividades e recreação que são simultaneamente elementos do aprimoramento do espírito. Entram no seu raio de ação as palestras instrutivas, a propaganda do livro e da biblioteca, a leitura comentada dos textos literários e de obras de interesse geral, a informação bibliográfica, mesas redondas, audições de músicas, representações teatrais e outros festivais artísticos, exposições de filmes, exposições de belas artes, artes industriais e aplicadas, folclore, etc., tudo oferecido em um ambiente cômodo e amável, aparelhado com os recursos imprescindíveis para vencer em atrativos os comuns passatempos frívolos. Assim é a biblioteca moderna: recreia, educa, e instrui. Viva, dinâmica e amena, e não aparece com a fisionomia dos outros tempos, severa, acética, pouco convidativa. Tudo nela é um permanente convite à leitura [...]

A biblioteca pública tem por objetivo assegurar a leitura intelectual a toda variedade de leitores, por meio da palavra impressa de modo a completar o período escolar, colegial e universitário. Esta parte compreenderá necessariamente, o serviço de empréstimo domiciliar, a biblioteca infantil, para cegos, o carro-biblioteca, a extensão do serviço de empréstimo a hospitais e prisões, aos bairros da cidade e às localidades vizinhas e, finalmente a cooperação e assistências técnicas para que se criem e se multipliquem no interior bibliotecas e salas públicas de leitura.

Outra importante divisão, a de extensão cultural, compreenderá salas de arte, discoteca, filmoteca, auditório, cinema e salão de exposições, mantendo ainda, como remate de suas variadas atividades, um serviço de publicações próprias, como o boletim da biblioteca e obras de interesse para a Cultura do Estado. Chegou, de fato, o momento de se criar a grande biblioteca do Estado e o atual Governo está empenhado em levá-la a bom termo antes que se funde o seu mandato.

Em 2 de junho de 1954, através da Lei n.º 1087, a Assembléia Legislativa criou a Biblioteca Pública do Estado, que passou a funcionar em instalações provisórias, na rua Saturnino de Brito, com um acervo inicial de 22.000 volumes. Três setores foram definidos como essenciais: a Sala de Empréstimo Domiciliar, o Setor de Referência e a Divisão de Processamento Técnico.

Para abrigá-la, Juscelino Kubitschek solicitou um projeto ao amigo Oscar Niemeyer. Este desenhou um edifício de 6 andares, com espaços culturais que, aliadas à leitura, transformariam a biblioteca numa casa de reflexão e de criação, a ser localizada na Praça da Liberdade, ao lado do Palácio do Governo.

A construção desse belo prédio foi longa e cheia de percalços. Por falta de recursos financeiros, o projeto sofreu várias alterações. Três dos seis andares previstos foram cortados. Depois de três anos de abandono, o Governador José Francisco Bias Fortes conseguiu verba junto à Diretoria de Esportes, aceitou o corte drástico no projeto e, contando com a mão-de-obra de detentos da Casa de Correção, hoje Penitenciária de Neves, deu a obra por terminada. Em 1961, para não ceder às inúmeras pressões de diversos setores do Governo que cobijavam o novo prédio, Bias Fortes ordenou a mudança da Biblioteca para a Praça da Liberdade. “Mudar militarmente” foram suas palavras. Assim foi feito.

Nesse mesmo ano, em 17 de janeiro, a Biblioteca Pública de Minas Gerais, teve acrescentado à sua denominação oficial o nome do Prof. Luiz de Bessa, considerando os “relevantes serviços prestados por ele à nossa cultura e, notadamente, à Administração Pública do Estado”. Antônio Luiz de Bessa nasceu em Amarante, Portugal em 12 de abril de 1894, veio para o Brasil em 1906, instalando-se em Juiz de Fora, onde se formou em Ciências Comerciais. Foi também jornalista, em Juiz de Fora e Belo Horizonte, onde se tornou redator-chefe do Estado de Minas e da Folha de Minas. Em sua pequena bibliografia se destaca o livro *História Financeira de Minas Gerais em 70 anos de República*. Exerceu diversas funções públicas e redigiu correspondências, mensagens e discursos para governadores e secretários. Citando Francisco Iglésias “poucos mineiros fizeram tanto por sua terra como Antônio Luiz de Bessa, escritor e funcionário público. É justo, pois, que se inscreva seu nome na relação dos filhos mais ilustres de Minas, Estado que ele amou e ao qual serviu com carinho, competência e constância”.

De sua criação, em 1954, aos dias de hoje, várias ações significativas foram sendo desencadeadas pelos diretores que assumiram os rumos dessa Casa e, com muito esforço e dedicação, construíram a sua história. Foram eles: Eduardo Frieiro: 1954–1963; Maria de Lourdes Borges de Carvalho: 1964–1936; Marília Mendes Campos Versiani: 1966–1969; Carmem Pinheiro de Carvalho: 1969–1973; Ana Guimarães: 1973–1976; Maria de Lourdes Tito de Oliveira: 1976–1978; Marta da Cunha Fernandes: 1979–1979; Leda Botelho Martins Casassanta: 1979–1983; Laís Corrêa de Araújo Ávila: 1983–1987; Célia Maria Fulgêncio: 1987–1990; Rosa Maria Sousa Lanna: 1991–1995; Maria de Lourdes Côrtes Romanelli: 1995–1997; Maria de Nazareth Souto Maior Filizzola: 1997–2000; Maria Augusta da Nóbrega Cesarino: Áurea Godinho: 2011–2014 e Catiara Afonso: 2014.

A partir de 1984, com a criação da Superintendência de Bibliotecas Públicas, unidade do Sistema Estadual de Cultura, a Biblioteca Luiz de Bessa tornou-se uma das suas diretorias, e várias atividades antes específicas da Biblioteca Pública foram assumidas pela nova Superintendência. Com isso, embora a Biblioteca continue a ter o seu diretor operacional, a Superintendência responde pela instituição como um todo.

A década de 1960 foi particularmente rica no fortalecimento da recém-criada biblioteca. Entra em circulação o carro-biblioteca. Segundo o relato de Marise Muniz e Roberto B. Carvalho, assim funcionava a biblioteca ambulante que vai à periferia de Belo Horizonte:

O clima que envolve o carro-biblioteca não é o mesmo que se respira na biblioteca tradicional. Em torno do carro juntam-se homens, mulheres, adolescentes e crianças: falam alto, trazem sacolas de compras, não sendo raras as vezes em que aparecem com roupas e mãos sujas. É comum solicitarem livros por meio de incógnitas “quero aquele de capa vermelha” ou “aquele que tem uma mulher na capa”. Lêem de tudo, Jorge Amado, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade. Os best-sellers fazem grande sucesso. Agatha Christie, Frederick Forsyth e Harold Robbins, os romances água com açúcar são disputados. Buscam informações em Veja, Isto É, Cláudia. Aumenta a procura por livros místicos. Interessam-se por livros sobre sexo, casamento, direitos da mulher. Por mais curioso que possa parecer, tais livros acabam por resolver problemas domésticos, funcionando como sonífero, afrodisíaco, estimulante. As bibliotecárias escutam queixas dos usuários, relatos dos infortúnios cotidianos de uma população, que, não se saber como, encontra tempo e prazer para manusear um livro, folhear uma revista.

Estes são exemplos de 1983. A descrição é fiel e corresponde à realidade de hoje. Basta acrescentar alguns autores recentes como Paulo Coelho, novos *best-sellers*, outros romances “do coração”, muitos títulos de auto-ajuda, a procura por emprego através dos classificados de jornais.

É a busca da informação e do lazer, mostrando que quase cinquenta anos depois da primeira viagem, a maioria dos bairros de Belo Horizonte continua contando com o acesso esporádico ao livro.

Em 1962 foi criada a Biblioteca Infante-Juvenil, cujas instalações voltadas para a Rua da Bahia já estão reformadas. Em 2002, esse espaço recebeu o nome de Sala Lúcia Machado de Almeida, justa homenagem à criadora da Borboleta Atíria e de Xisto, personagens lidos por mais de um milhão de crianças.

Em 1963 o Decreto n.º 7.320 determina a organização de Secretarias do Trabalho e Cultura Popular a ela vinculando a Biblioteca Pública do Estado.

O Setor Braille é criado em 1965 com a incorporação à Biblioteca Pública de uma coleção de livros até então pertencentes à antiga Feira



de Amostras. O novo setor passa a contar oficialmente, a partir de 1969, com um corpo de copistas e de ledores voluntários, criado por resolução interna. Hoje a Biblioteca acrescentou ao acervo em Braille, muitas fitas e CDs de títulos diversos: literatura, informativos, didáticos. Voluntários lêem, gravam, transcrevem e se tornam amigos de leitores. O acesso à Internet é possível, através de *softwares* especiais, que permitem a leitura de textos. No segundo andar do prédio, um espaço foi especialmente adaptado para o leitor com deficiência visual.

Em 1966, os primeiros convênios são celebrados com as prefeituras municipais visando prestar assessoria técnica na implantação de bibliotecas no interior. São ações embrionárias do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais, que, em 1984, viria a ser definido como um dos principais setores da Superintendência de Bibliotecas Públicas. Os primeiros municípios contemplados foram Araguari, Monte Carmelo e Ituiutaba. Mais tarde Vespasiano, Sabará e Uberaba. Hoje, Minas pode comemorar a existência de bibliotecas públicas nos seus 853 municípios. Destes mais da metade já recebeu diferentes tipos de apoio do Estado, numa política de descentralização e interiorização das ações de incentivo à leitura.

Em 1969 Comissão Especial designada pelo Governador Israel Pinheiro elabora normas destinadas a disciplinar a organização, a conservação e a utilização da Coleção Mineiriana, criada através do Decreto n.º 11.996, de 05/08/1969. Fizeram parte da Comissão numerosos intelectuais representativos da cultura mineira, como Affonso Ávila, Aires da Mata Machado Filho, Alfredo Marques Viana de Góes, Antônio Camilo de Faria Alvim, Antônio Joaquim de Almeida, Augusto de Lima Júnior, Cândido Martins de Oliveira, Demerval José Pimenta, Eduardo Frieiro, Francisco Iglésias, Francisco Maria Bueno de Siqueira, Geraldo Sardinha Pinto, João Camilo de Oliveira Torres, Lúcia Machado de Almeida, Marina Tymburibá, Paulo Campos Guimarães, Vicente Racioppi e Vivaldi Moreira, e a então diretora da Biblioteca, Carmen Pinheiro de Carvalho. A comissão estabeleceu que a Coleção Mineiriana da Biblioteca Luiz de Bessa teria por finalidade compor um acervo de obras sobre Minas Gerais, sua história, Letras, Artes, Ciência da terra e do homem, desenvolver ações de divulgação da cultura mineira, editar e promover publicações de obras relacionadas ao tema e formar a memória audiovisual de Minas. No ano seguinte, o Decreto n.º 14.314, de 3/2/1970, instituiu obrigatoriedade da remessa de publicações oficiais à Biblioteca para serem incorporadas à Coleção Mineiriana.

Segundo as palavras do historiador Francisco Iglésias, em declaração de 1984: “A Mineiriana da Biblioteca Pública representa o melhor conjunto de obras dedicadas ao Estado de Minas Gerais [...] É um ponto privilegiado da Biblioteca, que merece cada vez mais, como tem merecido até agora, o carinho e a lucidez de seus dirigentes”.

Para o escritor Affonso Ávila:

A dificuldade para quem pesquisa não reside, às vezes no levantamento e identificação das grandes fontes, daqueles livros ou autores que apoiarão teoricamente o desenvolvimento

de um dado trabalho. Há obras quase sempre consideradas menores, de âmbito temático menos ambicioso, às quais o acesso do leitor ou pesquisador não se dá com a mesma facilidade, embora possa tratar-se de fontes igualmente imprescindíveis. O mérito da Coleção Mineiriana é o de reunir num mesmo acervo desde os mais abrangentes e aprofundados títulos sobre o assunto central que é Minas Gerais, até as pequenas monografias municipais a respeito de particularidades regionais bastante localizadas. As grandes fontes e os livros de referência específica estão, pois, ali, lado, à disposição do pesquisador. Consultar essa coleção hoje preciosa é assegurar o êxito de uma pesquisa criteriosa e correta sobre Minas.

A coleção Mineiriana funciona na Sala Eduardo Frieiro, localizada no segundo andar já totalmente reformado do prédio principal da Biblioteca Luiz de Bessa. Integra o Setor das Coleções Especiais, ao lado das Obras Raras, Patrimoniais, Artes, Memória da Literatura Infantil e coleções particulares.

Em 1969 é criado o serviço de caixa-estante, que leva a oportunidade de leitura a creches, asilos, prisões e espaços alternativos muito diferentes da Praça da Liberdade. Tem início o curso pré-vestibular de Literatura em que professores de reconhecida competência analisam os títulos exigidos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Esse curso foi oferecido ininterruptamente por mais de 30 anos. Cobrava preços simbólicos, pois pretendia atingir aqueles estudantes que não podiam frequentar cursos caros. Também na década de 1960 são criadas as primeiras bibliotecas sucursais transferidas posteriormente para suas prefeituras municipais.

Na década de 1970 são lançadas as primeiras publicações da Biblioteca: o *Boletim da Biblioteca Pública de Minas Gerais*, em 27 de agosto de 70, que teve uma periodicidade irregular e durou pouco tempo, e o livro *João Pinheiro e o ensino profissional em Minas Gerais*, primeira publicação da Coleção Mineiriana. São feitas pequenas reformas no prédio. Continuam as ações de apoio às bibliotecas municipais. A Biblioteca, até então parte da Secretaria do Trabalho e Ação Social, passa em 1974 para a Coordenadoria de Cultura. Logo em seguida, em 1975, é transferida para a Secretaria da Educação.

Em 1978 a Biblioteca enfrenta uma grave crise técnica e política. Com o Decreto n.º 19.173, de 09 de maio de 1978, na gestão do Governador Aureliano Chaves, a Instituição perde seu nome e sua identidade. Transforma-se em Centro de Educação Permanente, com o objetivo de “propiciar recursos de apoio à educação formal e complemento ao processo educativo informal, de maneira a assegurar o desenvolvimento integral e harmônico da comunidade”. É um período controvertido, pouco conhecido e pouco estudado da Biblioteca Pública. Uma decisão aparentemente técnica, visando justificar a permanência da Instituição na estrutura da Secretaria de Estado da Educação e contar com recursos

financeiros mais significativos, foi tomada como ação política arbitrária, fruto da ditadura militar.

Controvertido porque foi um processo coordenado e conduzido pela Profa. Etelvina Lima, da Escola de Biblioteconomia da UFMG, hoje Escola de Ciência da Informação. Figura extremamente respeitada na história da Biblioteconomia brasileira, ligada a Rubens Borba de Moraes, Eduardo Frieiro, Darcy Ribeiro, Etelvina Lima participou da criação da Biblioteca Pública do Paraná, da Biblioteca Luiz de Bessa, da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Aliava grande competência técnica, formação humanista e conduta irrepreensível na defesa das liberdades individuais e institucionais, durante o período militar. Professora demissionária da UnB, testemunha de defesa de acusados pela Justiça Militar, o nome da Profa. Etelvina foi sistematicamente vetado para a direção da Escola de Biblioteconomia, dada a sua oposição ao regime ditatorial.

Foi uma decisão técnica errada, como ela própria admitiu em sua última entrevista, a mim concedida em 04 de agosto de 1998. A perda do nome “Biblioteca Pública”, e a sua substituição por um título inadequado foi considerada uma afronta aos bibliotecários. Esse sentimento se agravou com a entrega da direção da Casa profissionais da área de educação. Mas dificilmente pode-se afirmar que tenha sido um gesto

VOLUNTÁRIOS LEEM, GRAVAM, TRANSCREVEM  
E SE TORNAM AMIGOS DE LEITORES. O  
ACESSO À INTERNET É POSSÍVEL, ATRAVÉS  
DE SOFTWARES ESPECIAIS, QUE PERMITEM A  
LEITURA DE TEXTOS.

político e relacionado com o regime da época. Como a Biblioteca enfrentava grave crise financeira, transferi-la para a Secretaria de Estado da Educação foi a saída encontrada por Etelvina Lima para garantir a sua sobrevivência.

Nesse período, a Biblioteca Pública produziu um trabalho muito interessante na área de Música e de Arte-Educação através dos projetos CenterArtes e Prodiarte. Criou uma Assessoria Cultural, fato aparentemente redundante dentro de uma Biblioteca Pública onde, supõe-se, o cotidiano é cultura mas necessário no contexto da Secretaria da Educação. São lançadas duas publicações: *Cultura e Educação e Ensaio sobre Literatura Infantil*.

Em 1972 abre-se o auditório da Biblioteca Pública que passa a se chamar Sala Multimeios em 1975. Hoje é o belo Teatro da Biblioteca,

inteiramente reformado e reaberto em 2004, ano do cinquentenário da Biblioteca Pública. Confortável, com excelente acústica, tem sido plenamente utilizado para eventos teatrais, musicais, cursos, lançamentos de livros, debates com escritores, eventos governamentais e da área de cultura.

Na década de 1980, a Biblioteca Pública continuou a enfrentar sérias crises financeiras e de recursos humanos, mas foi também um período culturalmente muito produtivo.

Em 1979, Fernando Velloso e Márcio José Velloso prepararam, por solicitação do Coordenador de Cultura, Paulo Campo Guimarães, projeto de implantação de um espaço experimental em Artes Plásticas, a ser executado pela Secretaria de Educação, através do Centro de Educação Permanente Prof. Luiz de Bessa. O projeto foi aprovado em 1982 pelo Secretário de Educação, Eduardo Levindo Coelho. No dia 3 de maio foi aberta a Galeria de Arte, que tomou o nome de Paulo Campos Guimarães, seu primeiro incentivador e proponente, falecido pouco antes da inauguração. A primeira comissão coordenadora da Galeria era presidida pela artista Sara Ávila e contava com a participação do escritor Bartolomeu Campos de Queiroz, da Profa. Leda Casasanta, diretora do Centro de Educação Permanente Luiz de Bessa, de José Herculano Ferreira, diretor da Escola Guignard e da artista Marina Nazareth. Espaço aberto ao artista iniciante, apresentou trabalhos de

grandes nomes das Artes Plásticas em Minas. Hoje, a Galeria inclui, entre os seus objetivos, a divulgação de datas e temas significativos para a Literatura, através de mostras bibliográficas itinerantes que após apresentação na Biblioteca Luiz de Bessa, circulam entre as bibliotecas públicas municipais. Nos últimos cinco anos, já foram realizadas, entre outras, exposições em homenagem ao centenário dos poetas Henriqueta Lisboa, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Mário Quintana e do memorialista Pedro Nava. Os 30 anos de atividade do escritor Bartolomeu Campos Queiroz também mereceram uma exposição, assim como o bicentenário de nascimento de

Hans Christian Andersen, os 400 anos de lançamento da obra-prima de Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de la Mancha*, e os 50 anos da primeira edição do livro *Grande Sertão: veredas*. Parte da biblioteca do jurista Tancredo Martins, a “Coleção Rita Adelaide”, conhecida pela sua beleza, foi aberta ao público, pela primeira vez, através da Galeria Paulo Campos Guimarães.

Retomando a década de 1980, outros atos marcantes merecem destaque. A poeta, ensaísta, cronista e tradutora Laís Corrêa de Araújo assume a direção da história da Instituição. Como a própria idealizadora afirma, *Duas Palavras* não é uma reedição do Boletim da Biblioteca, mas apresenta uma proposta inovadora de retratar a biblioteca em suas funções e abrir espaço para a poesia, ampliando, assim, o leque de suas atribuições. Além da prática rotineira de adquirir e preservar textos, dá

Acervo do Setor Braille



Quando, na infância, mergulhei no fantástico universo labiríntico das bibliotecas, inebriado pelo odor característico e atraído pelos mistérios ali guardados, não mais desejei afastar-me.

Na biblioteca do colégio interno onde residia mergulhava constantemente na leitura à procura do elixir do conhecimento e, paradoxalmente, buscava esquecimento da saudade permanente, decorrente da distância da família. Posteriormente, após concluído o Ensino Médio, passei a frequentar a Biblioteca Estadual Luiz de Bessa. Sendo deficiente visual, para mim foi de grande valia o auxílio prestado pelo serviço de voluntários do Setor Braille da Biblioteca, tanto para meu ingresso no curso superior quanto para minha aprovação em concurso público, caminho que encontrei para inserção no mercado de trabalho e uma efetiva participação social.

O universo descortinado pela biblioteca, num crescente impulso, disparou em mim a sofreguidão por apreender o mundo e ampliar minha sensibilidade. Os livros me possibilitaram construir imagens que, embora não captadas pelos olhos, ficaram gravadas em seu ser, de forma inesquecível, à semelhança do que ocorreu com as preciosas construções imagéticas de Marcel Proust e muitas outras.

Na Biblioteca Pública Luiz de Bessa vivemos a cada ano um processo de confraternização e inclusão social, em paralelo com grande aquisição de conhecimento, o qual torna-se mais vultuoso e significativo quando compartilhado e empregado na construção de um meio de convívio cada vez mais íntegro e harmonioso.

**CARLITO HOMEM DE SÁ**

um passo à frente e parte para a publicação de textos. Nesse período, são lançadas as obras *Devolução e nostalgia*, de Lélia Vidal Gomes da Gama; e *Três séculos de Minas*, do historiador Francisco Iglesias, primeiro número da série “Cadernos de Minas” que, infelizmente, não foi adiante.

Em 1983 a Biblioteca retoma sua identidade e volta a receber o nome de Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Nesse ano, o Decreto n.º 23512, de 06/04/1983, dispõe sobre o Sistema Operacional de Cultura do Estado de Minas Gerais, a ser coordenado pela Secretaria de Cultura. Cria-se a Superintendência de Bibliotecas Públicas com quatro diretorias: a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa; a Diretoria de Processamento Técnico; a Diretoria Metropolitana e a Diretoria de Assistência às Bibliotecas Públicas.

Em 1984 com dificuldades mas também com esperança de melhores dias, a Instituição comemora 30 anos. Assim, a diretora Laís Corrêa de Araújo sintetizou os anos de caminhada:

A história desta Casa não é tranquila e de linear horizontalidade, mas ao contrário, de impulsão e propulsão contra obstáculos os mais complexos, desde as consideradas naturais deficiências financeiras às tentativas de seu ocultamento ou marginalização. Diante dos empecilhos, do abandono, do desprestígio, da omissão e de entraves de toda a ordem, o lema da Biblioteca, impresso em cada pequena tarefa de seus diretores e funcionários, tem sido o de ir sempre em frente, ainda quando parece não haver saída.

Em 1985, é inaugurado o painel de Amílcar de Castro numa das paredes externas da Biblioteca Pública. Executando dentro do projeto *Arte nos muros*, o painel “cria uma pintura dentro do que o artista denominou de pensamento gráfico, integrando espaço e cores, levando a arte às ruas, democratizando-a de maneira funcional e lúdica”.

Na década de 1990 aumentaram as dificuldades financeiras. A carência de recursos humanos se agravou. O quadro de funcionários perde nomes significativos, que vão se aposentando sem reposição. Inicia-se uma luta intensa por concurso público, que só será coroada de êxito em 2006, quando o Governador Aécio Neves autoriza a abertura de concurso, com trinta e oito vagas para que a Instituição receba novos bibliotecários.

Destaca-se, em 1996, a transferência de um importante acervo constituído de jornais e revistas históricas até então pertencentes ao Arquivo Público Mineiro, para a Superintendência de Bibliotecas, formando a Diretoria da Hemeroteca Pública de Minas Gerais. Entretanto, em 2003, com a reestruturação da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, a Superintendência de Bibliotecas perde diretorias, e o acervo da Hemeroteca é incorporado às Coleções Especiais da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Em 2007 será transferido da Avenida Assis Chateaubriand para o prédio da Praça da Liberdade, visando tratamento mais adequado, melhores acomodações, mais segurança e mais facilidade para o usuário, que encontrará em um só lugar todas as informações de que precisa. Os títulos da Hemeroteca já microfilmados começam a ser digitalizados mediante recursos da FAPEMIG e da Secretaria de Cultura, dentro do programa de preservação dos acervos da Instituição.

Em 1997, aprova-se a Lei Estadual do Incentivo à Cultura, que trouxe benefícios evidentes para a Biblioteca. Em 1994, é fundada a Associação de amigos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (SABE), grande parceira e principal proponente dos projetos de revitalização da Instituição.

Em 1998, a Biblioteca Pública ganha um presente inestimável. O governador Eduardo Azeredo, por solicitação de Amílcar Martins, transfere para a Secretaria de Cultura o antigo anexo da Secretaria da Fazenda, localizado na Rua da Bahia, entre a Rua Gonçalves Dias e a Av. Bias Fortes, até então fechado e com graves problemas estruturais que o levariam à demolição. O ato de transferência condiciona a ocupação do novo prédio, após sua reforma, à expansão da Biblioteca Luiz de Bessa.

A decisão resultou no Anexo Professor Francisco Iglesias, um belo prédio, com uma proposta arquitetônica arrojada, que permite à população passar da Rua da Bahia à Praça da Liberdade, através da pequena Praça Carlos Drummond de Andrade e no seu percurso, conversar com os Quatro Cavaleiros do Apocalipse: Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino, Fernando Sabino, Otto Lara Resende, imortalizados em bronze, no ano de 2005.

O prédio foi inaugurado em 1998, sem mobiliário, água, luz e rede lógica e, permanecendo fechado, foi ambicionado novamente pela Secretaria da Fazenda. Em setembro de 2000, o anexo da Biblioteca abre efetivamente suas portas ao público. Recebe, por indicação de Amílcar Martins, a denominação de Anexo Professor Francisco Iglesias, em homenagem ao eminente historiador e intelectual mineiro, cuja obra marcou a pesquisa histórica brasileira e se destacou por seu conteúdo e estilo literário. Exercendo profunda influência no pensamento histórico, econômico e social brasileiro do século XX, seus livros e ensaios

primam pela elegância, pela clareza e pela demonstração de vasta cultura interdisciplinar.

No Anexo funciona o Setor de Empréstimo Domiciliar, o Setor de Referência, as Salas de Pesquisa via internet, para o público em geral e para a terceira idade, que aceita o desafio da tecnologia e dela tira o maior proveito. Funcionam também nesse prédio uma passarela para exposições, uma sala para cursos e uma sala de estudos. O Anexo recebe mais de 350 mil leitores por ano, registro dos mais significativos a confirmar que o gosto pela Literatura e a busca do conhecimento continuam vivos e necessários. Os acervos ali presentes, cerca de 90 mil livros, já estão informatizados, disponíveis na internet. O serviço de empréstimo também já é automatizado, oferecendo informações precisas e atualizadas.

Em 2000, com grande apoio do Secretário de Cultura, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, tem início o projeto de modernização da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, que pretende executar integralmente a proposta de Oscar Niemeyer, reformando os andares já existentes e construindo aqueles não levantados. Elaborado com a supervisão do IEPHA e aprovado pelo Ministério da Cultura e pela Secretaria de Estado da Cultura, tem recebido recursos financeiros expressivos, sobretudo da USIMINAS, da CEMIG e da V&M do Brasil, o que já permitiu a conclusão das obras de infra-estrutura, da Biblioteca Infantil, a construção de um Teatro de Arena, a reforma da Diretoria de Extensão, do Teatro e do saguão da Biblioteca.

Em 2006, o segundo andar, que abriga a Biblioteca Braille e as Coleções Especiais foi modernizado. Seus 1.500 m<sup>2</sup> passaram por reformas na rede elétrica, hidráulica e rede lógica. Foram realizadas obras de prevenção contra incêndio, piso, pintura, sanitários. Instalou-se um sistema de climatização com controle de temperatura e umidade e um sistema de segurança para os acervos. Foi adquirido mobiliário adequado para livros e leitores. Estes, na sala de pesquisa, contam com computadores ligados à internet. O acervo das Coleções Especiais passou por tratamento de conservação preventiva e uma sala de restauro está sendo instalada.

A informatização da Biblioteca Pública se arrastava desde 1996, sem um plano definido e, em seis anos, havia processado apenas 15% da coleção. A partir de 2001 a informatização recebeu forte impulso. Foi estabelecida a política de informatização da Instituição, definidos *softwares*, equipamentos, metodologias. Recursos humanos foram contratados e treinados.

O programa se desenvolveu com recursos orçamentários e recursos advindos da iniciativa privada através de projetos aprovados junto às leis de incentivo. Já atingiu 80% do acervo total da Superintendência e estará concluído em 2007. Antecipadas, as etapas de digitalização tiveram início em 2006.

A Superintendência de Bibliotecas lançou CD-ROM sobre as Coleções de Obras Raras da Instituição, que foi disponibilizado para as instituições públicas, e lançará em 2007 outro CD-ROM com banco de dados da Coleção Mineiriana.

A partir de 2003, a Superintendência de Bibliotecas Públicas intensificou suas ações junto ao interior do Estado. Mas por que falar das bibliotecas municipais em um livro sobre a Biblioteca Luiz de Bessa e seus 50 anos? Porque, ao criá-la, Juscelino Kubitschek, com sua visão de futuro, deu-lhe a tarefa de também abrir salas de leitura em todos os municípios.

Aos poucos, isso foi acontecendo, com o apoio do Instituto Nacional do Livro, mais tarde da Fundação Biblioteca Nacional e hoje com significativos recursos orçamentários. Sempre em parceria com a prefeitura municipal, o Estado foi instalando em todas as regiões, do Jequitinhonha ao Sul de Minas, do Triângulo ao Norte de Minas, Zona da Mata, Alto Paranaíba, Vale do Rio Doce e tantas outras, a casa da leitura, da informação, da reflexão, do prazer, do convívio, da troca de ideias. É a biblioteca pública, patrimônio da comunidade.

Elas formam o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais, cuja matriz e referência é a Biblioteca Luiz de Bessa. A partir de 1984, as ações dessa Biblioteca e da Superintendência se mesclam e se confundem e as duas instâncias apóiam a biblioteca do interior.

Hoje, os 853 municípios mineiros já contam com a sua biblioteca pública, grande ou pequena, atuante ou acanhada, informatizada ou não, bons acervos, acervos pobres demais, existindo em prédio próprio, em prédio alheio. Várias estão dentro de uma história ou porque esta é a única forma de sobrevivência ou porque a administração local ainda considera a Cultura menos importante que a Educação.

Muitas são novíssimas, nasceram em 2006, sementes criadas pelo projeto Construindo uma Minas Leitora. Outras já estão informatizadas, são atuantes, possuem acervos atualizados, coordenam redes municipais de bibliotecas, incentivam a leitura literária e a leitura informativa. A maioria é uma pequena porta aberta para a cultura.

A Superintendência de Bibliotecas espera que, em breve tempo, todas as bibliotecas públicas de Minas, mantidas pela prefeitura municipal, através de legislação específica, alcancem o objetivo de reunir, preservar, organizar e divulgar um acervo informativo e literário, tornando-se disponível para a comunidade. Seja um espaço democrático por excelência, permitindo acesso direto e gratuito à leitura informativa e de lazer por parte de qualquer cidadão, independente de idade, raça, credo, grau de escolaridade e nível social. Seu acervo diversificado inclua literatura infanto-juvenil e para adulto, obras de referência, obras informativas de diversas áreas do conhecimento, jornais, revistas e materiais audiovisuais. A Internet nela estará presente para uso do leitor, como uma das principais fontes de informação do mundo globalizado. Centro de memória da cidade, também será sua função a preservação e divulgação dos registros da história local, valorizando a identidade cultural da região.

Em 1994, a Lei 11.726 que dispõe sobre a política cultural de Minas Gerais reconhece o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais e estabelece como funções do Estado: incentivar a criação, expansão e a manutenção dos serviços bibliotecários no Estado; promover a articulação inter-regional das bibliotecas públicas através de uma rede de

bibliotecas-pólo; capacitar o quadro de recursos humanos das bibliotecas públicas municipais; promover a implantação das novas tecnologias da informação adequadas ao armazenamento e gerenciamento de acervos; incrementar projetos culturais de estímulo à leitura no âmbito das bibliotecas públicas; manter atualizado o cadastro das bibliotecas públicas municipais.

Tais funções são desempenhadas pela Superintendência de Bibliotecas. Como o apoio da Biblioteca Luiz de Bessa, ela orienta a criação de bibliotecas municipais, a organização do espaço físico e do acervo, a formação de associações de amigos, a elaboração de projetos. Faz doações de livros, de acordo com critérios previamente estabelecidos. Elabora exposições literárias destinadas a circular entre as bibliotecas do interior. Dá cursos de capacitação para gestores de bibliotecas. Faz a articulação necessária entre a biblioteca municipal e programas governamentais de apoio às bibliotecas públicas, sobretudo aqueles desenvolvidos pela Fundação Biblioteca Nacional.

Estes dois últimos anos foram privilegiados para as bibliotecas de Minas. Mais do que se orgulhar por ter contribuído para a criação da biblioteca em todas as cidades, a Secretaria de Cultura, através da Superintendência de Bibliotecas, desenvolveu o projeto Construindo uma Minas Leitora, de caráter permanente, que se organiza em quatro eixos: zerar o déficit de bibliotecas nos municípios; modernizar bibliotecas pequenas que estão com acervos desatualizados; capacitar recursos humanos em “gestão de bibliotecas”; institucionalizar uma rede de bibliotecas-pólo representativa de todas as regiões do Estado, através das quais, a Secretaria das Cultura poderá descentralizar e interiorizar suas ações de incentivo a leitura.

Esse projeto que recebeu o apoio entusiasmado do Governador Aécio Neves, integra os projetos estruturadores do Estado, com recursos financeiros assegurados.

A rememoração das principais ações que pontuaram a história da Biblioteca Pública Estadual mostra que o modelo idealizado por Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer e Eduardo Frieiro ainda está em construção. Embora cortes, dificuldades e pressões tenham, muitas vezes, ao longo desses 60 anos, desfigurado a proposta inovadora de 1954, a Superintendência acredita que a Biblioteca Pública está no caminho certo e será uma referência nacional, como acredita também que em Minas o acesso democrático à leitura, através de boas bibliotecas públicas, será uma realidade.

**Este depoimento foi publicado originalmente em 2006 no livro Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa – 50 anos de cultura.**

BIBLIOTECA ESTADUAL

# *Luiz de Bessa*

## *Uma heroína da cultura*

**D**urante quase dez anos, de 2000 a 2009, dirigi a Superintendência de Bibliotecas Públicas, órgão que é, na verdade, a ampliação das funções que Eduardo Frieiro pensou para a Biblioteca Luiz de Bessa. Moradora da casa desenhada por Oscar Niemeyer, contemplando a Praça da Liberdade, ela tem crescido e sobrevivido, entre sustos e alegrias.

Assim foi o período em que lá estive: cortes, dificuldades, luta incessante por reconhecimento e dignidade. Mas também grandes compensações, fruto de um trabalho persistente e incansável de uma valorosa equipe: os funcionários dedicados da SUB, os leitores que dão sentido à biblioteca, os amigos da Luiz de Bessa unidos à SABE pensando, projetando, convencendo empresários sensíveis à leitura. O grande apoio dos secretários com os quais trabalhei, fazendo a necessária ponte com o governo do Estado, foi indispensável. O resultado final, altamente positivo se traduz em muitas ações importantes. Cito algumas como a abertura do Anexo Professor Francisco Iglésias, a linda recuperação do prédio da Luiz de Bessa, ainda que mutilado dos três andares projetados por Niemeyer e nunca construídos, o concurso público para bibliotecário após 30 anos de espera, a compra de livros, o aumento significativo

de revistas e jornais, o acesso online a muitos outros títulos, a informatização do acervo, o início da digitalização da Hemeroteca, a restauração das obras raras, as mais de 30 exposições itinerantes comemorando os centenários, datas e autores significativos para a literatura, a surpresa do novo teatro que encanta Belo Horizonte. Ultrapassando as fronteiras de Belo Horizonte, a Luiz de Bessa, matriz e referência do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas Municipais, ajudou a criar o projeto “Quero Ler” transformando no exemplar “Construindo uma Minas Leitora”, levando livros, equipamentos e orientação técnica às bibliotecas do interior, sobretudo do Vale do Jequitinhonha, Mucuri e Vale do Rio Doce.

Como escrevi por ocasião do seu cinquentenário, repito agora, aos 60 anos da Luiz de Bessa: a nossa biblioteca estadual pode e deve se a mais importante instituição cultural de Minas. Espaço democrático por excelência, dá acesso direto e gratuito à leitura informativa e de lazer, esteja ela no universo real ou virtual. Recebe qualquer cidadão, independente da idade, raça, credo, grau de escolaridade e nível social. E se a sociedade deseja e tem direito a uma vida mais justa, igualitária, com menos diferenças, um passo importante é lutar por essa instituição tão presente, tão relevante, tantas vezes esquecida, mas indispensável à construção da cidadania.

MARIA AUGUSTA DA NÓBREGA CESARINO

ex-Superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais, é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP.

# UM USUÁRIO OBSTINADO

PAULO DA TERRA CALDEIRA

---

**A** Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa é uma entidade importante no cenário cultural de Belo Horizonte, ombreando-se entre as principais do país. Desempenhou e desempenha papel fundamental em minha formação acadêmica, científica e cultural. O deslumbramento pelo seu acervo pode ser facilmente entendido se se considerar minha origem. Nasci e morei até os oito anos em Simonésia, cidade da Zona da Mata de Minas Gerais, onde fiz o primeiro ano do curso primário, no Grupo Escolar Padre Miguel, o qual não contava com biblioteca. Além de *O livro de Lili*, de Anita Fonseca, lembro-me de mapas dependurados nas paredes das salas de aula retratando animais, aves e os Estados brasileiros. Livros de literatura e de outras áreas do conhecimento só os vi em casa de meus avós maternos, onde me recordo de haver deparado com um dicionário da língua portuguesa e livros de geografia e história, que ainda não conseguia ler.

Em Resplendor, para onde mudamos, havia maior disponibilidade de exemplares na pequena biblioteca do Grupo Escolar, na livraria que vendia exemplares de livros infantis, da Coleção Melhoramentos. No Ginásio Menino Jesus de Praga, havia uma prateleira de madeira, com portas de vidro, localizada atrás da mesa do Diretor, em que estavam enfileirados livros ricamente encadernados que, com certeza, não eram disponibilizados para leitura pelos alunos. Nesse ambiente pouco propício à leitura, os moradores dispunham de exemplares adquiridos individualmente, os quais circulavam nas residências dos interessados. Na época, não havia curso científico em Resplendor e, ao concluir o primário, manifestei interesse em continuar os estudos em outra cidade.

Em minha primeira viagem a Belo Horizonte, visitei uma tia, ficando surpreso ao ver que em uma das salas havia várias estantes de ferro, repletas de obras literárias. Fiquei em êxtase! Ao percorrer as prateleiras, verifiquei a existência de obras de autores que sempre almejei ler e que estavam aguardando a chegada de um leitor. Lembro-me ainda que, timidamente, perguntei se poderia levar um livro emprestado. O escolhido foi *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë. Na semana seguinte lá estava novamente, devolvendo o exemplar e levando outro, para novo deleite.

No início de 1959 passei a residir na Capital mineira e a morar com meu irmão mais velho, casado recentemente. Candidatei-me, e fui aprovado a uma vaga no Colégio Municipal, no bairro Lagoinha. O Colégio mantinha a biblioteca com acervo organizado permitindo o empréstimo de obras sugeridas para leitura pelos professores. Pouco tempo depois, fui informado que na Rua Saturnino de Brito, em frente à Feira de Amostras, hoje Estação Rodoviária, havia um prédio onde se situava a Biblioteca Pública, ocupando toda a área do segundo andar. Era um espaço grande para uma Capital de cerca de quinhentos mil habitantes e recordo-me da existência, ali, de inúmeras estantes, algumas mesas para estudo e de uma pequena sala separada com vidro onde, diariamente, estava um senhor de estatura mediana, sempre de paletó e gravata borboleta. Passava-me a ideia de que ele era bibliotecário e teria tempo para ler tudo o que lhe interessasse, naquele recinto. Mais tarde, fiquei sabendo que se tratava do eminente escritor e professor Eduardo Frieiro, diretor da instituição.

As tardes eram dedicadas ao estudo e à contemplação de livros que desejei ler em minha cidade e se encontravam disponíveis para empréstimo naquele local. O pouco tempo que me restava era dedicado a estudar os tópicos e a executar os exercícios exigidos pelos professores, nas disciplinas do curso científico. A leitura de lazer era postergada para os finais de semana, feriados ou para a noite, quando não decidia assistir a um filme. Nesse período, já me era possível constatar opção espontânea por atividades culturais e artísticas, quando procurava identificar e buscar espaços em que se realizassem manifestações como debates sobre obras literárias e filmes, sessões de cineclubes, concertos, curso de teatro, exposições de pintura e outras formas de expressão.

A cada final semana levava um livro para casa, que era “devorado” ao abrir-me “*as portas da percepção*” para o “*admirável mundo novo*”, quase inexistente no interior do Estado. Assim, alimentavam meu espírito as conversas e discussões com colegas e amigos sobre os eventos políticos, econômicos e sociais que ocorriam mundo afora e no Brasil e as leituras de obras de escritores como Albert Camus,

André Gide, Arthur Rimbaud, Jean-Paul Sartre, Marcel Proust, Franz Kafka, James Joyce, William Shakespeare, F. Scott Fitzgerald, John Steinbeck, Federico Garcia Lorca, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, João Guimarães Rosa, entre tantos outros.

Foi ainda nesse período que, na União Municipal de Estudantes Secundários – UMES, influenciado por minha participação no movimento denominado Juventude Estudantil Católica – JEC, assumi a direção do Setor de Cinema, da Secretaria de Cultura. Dentre as ações previstas, promoviam-se aos domingos, pela manhã, exposições de filmes de “arte”, no Cine Guarani, hoje Museu Inimá de Paula. Divulgava, também, comentários de filmes exibidos em Belo Horizonte, no jornal da UMES. Para realizar essas atividades, sempre recorria ao acervo da Biblioteca Pública para consultar artigos dos periódicos: *Revista de Cinema*, *Sight & Sound* e *Cahiers du Cinema*, além de jornais da Capital e de outros estados.

Ao concluir o curso científico, e por influência de novos amigos, passei a frequentar a Biblioteca Pública em seu novo endereço, na Praça da Liberdade, número 21. Sua localização veio contribuir para a realização de “tertúlias” literárias nos bancos da praça ou nas escadarias das Secretarias, onde comentávamos e discutíamos os livros lidos durante a semana e os novos conseguidos por empréstimos. Creio que essa fase foi um momento importante para a consolidação de meus interesses pessoais e profissionais, e para me orientar na escolha da profissão de bibliotecário. Lá se conseguia sólida formação geral, cultural e artística, além de aprimorar o domínio de idiomas, tudo necessário para preparar-me para o desempenho das atividades profissionais, conseguindo, assim, mais harmonia entre o que a instituição oferecia e as necessidades dos usuários.

Anos mais tarde (década de 1980), passei a integrar o Júri de Cinema, avaliando os filmes em cartaz em Belo Horizonte votando as cotações de filmes da semana, que eram divulgadas pelo jornal *Diário da Tarde*, da Capital.

Outro episódio relativo à minha afinidade com a Biblioteca Pública refere-se à escolha do tema para a realização do trabalho de conclusão de curso. Um de meus irmãos, professor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, me apresentou ao emérito Professor Francisco Iglésias, historiador e profundo conhecedor das áreas sociais, educacionais e culturais do país. Entusiasmado por conhecer tão ilustre intelectual mineiro decidi por realizar o levantamento de seus trabalhos publicados na forma de livros, artigos de periódicos, de jornais, trabalhos apresentados em eventos, resenhas de livros, entre outros, e o que foi escrito a seu respeito.

A Biblioteca Pública foi fundamental para o cumprimento dessa tarefa, uma vez que eram e são preciosos os acervos das coleções Mineiriana e da Hemeroteca Histórica, consistia de jornais e revistas publicados em Minas Gerais e em outros estados. O trabalho constituía requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em biblioteconomia, possibilitando candidatar-me a uma vaga do concurso público para o cargo de professor da Escola de Biblioteconomia da UFMG, atual Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Nessa época, já como professor universitário, mantive contato profissional com a Biblioteca Pública por meio de visitas com turmas de alunos, para conhecimento de seu acervo, realização de pesquisas e, ao mesmo tempo, efetuar empréstimo domiciliar de obras para leitura.

Foi também na Biblioteca Pública que pude atender a duas solicitações profissionais. A primeira, nos anos de 1970, convidado pelo Secretário de Estado da Educação, Professor José Fernandes, para elaborar uma coleção de obras de referência destinadas às bibliotecas escolares e utilizei, mais uma vez, o acervo da instituição, entre outros, como ponto de partida para a execução da tarefa que resultou bastante útil para bibliotecas escolares, professores e profissionais da área. A segunda, em 1995, ao atender convite da Secretária de Estado de Cultura, Professora Berenice Menegale, para assumir o comando da Diretoria de Processamento Técnico, tendo como objetivo alavancar o projeto de informatização de seu acervo, culminando com a inauguração do serviço de empréstimo informatizado. Tais tarefas facilitaram atender aos usuários, com mais agilidade. Ainda no período, foi elaborado laudo técnico para aquisição da biblioteca do Professor Oscar Mendes. Infelizmente, esse projeto não foi concretizado.

Em tributo e reconhecimento ao crescimento pessoal e cultural acumulado ao longo dos anos principalmente por meio de uso do acervo da Biblioteca Pública, atuei, em diferentes momentos, como voluntário na Associação dos Amigos da Biblioteca Pública – SABE: Secretário (2008) e, posteriormente, Presidente (2009). Durante minha gestão foram captados recursos para o desenvolvimento de várias ações ligadas ao estímulo à leitura, à realização de exposições literárias e de cursos, e para reforma de parte da área do terceiro andar do prédio da Biblioteca. Embora os recursos fossem insuficientes, foi possível concluir metade da área a ser reformada, tornando o local mais confortável e agradável para o desempenho das funções dos funcionários no atendimento aos usuários. Tais ações permitiram também maior visibilidade ao trabalho desenvolvido pela Superintendência de Bibliotecas em prol da comunidade.

De outra feita, fui convidado para realizar a curadoria da *Exposição Coleção Rita Adelaide*, em 2006, evento que obteve grande repercussão nos meios educacionais, culturais e sociais da Capital e na imprensa, resultando em várias reportagens e notícias publicadas em jornais, uma delas em duas páginas inteiras, e entrevista nos canais de televisão. Como conseqüência fui solicitado, ainda, a elaborar um capítulo a respeito da mesma Coleção, incluído no livro comemorativo dos *50 anos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa*.

Além das atividades descritas acima devem ser destacadas ainda atuação nas comissões de seleção de obras de artistas, que vêm expondo seus trabalhos nas Galerias de Arte Paulo Campos Guimarães e na Passarela Cultural, desde 2006 até o presente e na avaliação e na do acervo de livros pertencentes à Coleção de Arte da instituição. Ambas as atividades foram gratificantes: a primeira, ao permitir contato com trabalhos de artistas desejosos de exibir suas produções para o público e a segunda ao facilitar contato direto com publicações de enorme relevância para professores, pesquisadores, artistas e demais interessados. Foi também nesse período que participei de dois cursos: *História da Arte Brasileira: da Pré História à Contemporaneidade*, ministrado pelos professores Adalgisa Arantes Campos, André Prous, Ivone Luzia Vieira, Marco Elísio Paiva, Marília Andrés Ribeiro, Cristina Ávila. O segundo, *Historiando a Arte Brasileira: Módulo História da Arte Moderna e Contemporânea no Brasil*, ofertado pelos professores Ivone Luzia Vieira, Maria Angélica Melendi, Sônia Gomes Pereira, Stephane Uchet e Tadeu Chiarelli. Tais cursos foram promovidos pela C/Arte Projetos Culturais, em parceria com a Biblioteca, nas dependências de seu Teatro. Para não me alongar mais é, portanto, com humildade, reconhecimento e satisfação que verifico haver amalhado enorme conhecimento adquirido por meio da leitura de obras disponibilizadas na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa as quais, dessa forma, vêm contribuindo para a elevação nível educacional, social, político e cultural dos cidadãos. Por tudo o que foi dito anteriormente é possível reafirmar o importante papel dessa instituição e sua contribuição para a formação de meu caráter, personalidade, conhecimento e cultura, nesses mais de 50 anos de convivência. A ela, portanto, os agradecimentos merecidos e nem sempre explicitados.

PAULO DA TERRA CALDEIRA

é professor da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

# HOMENAGEM À BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL LUIZ DE BESSA

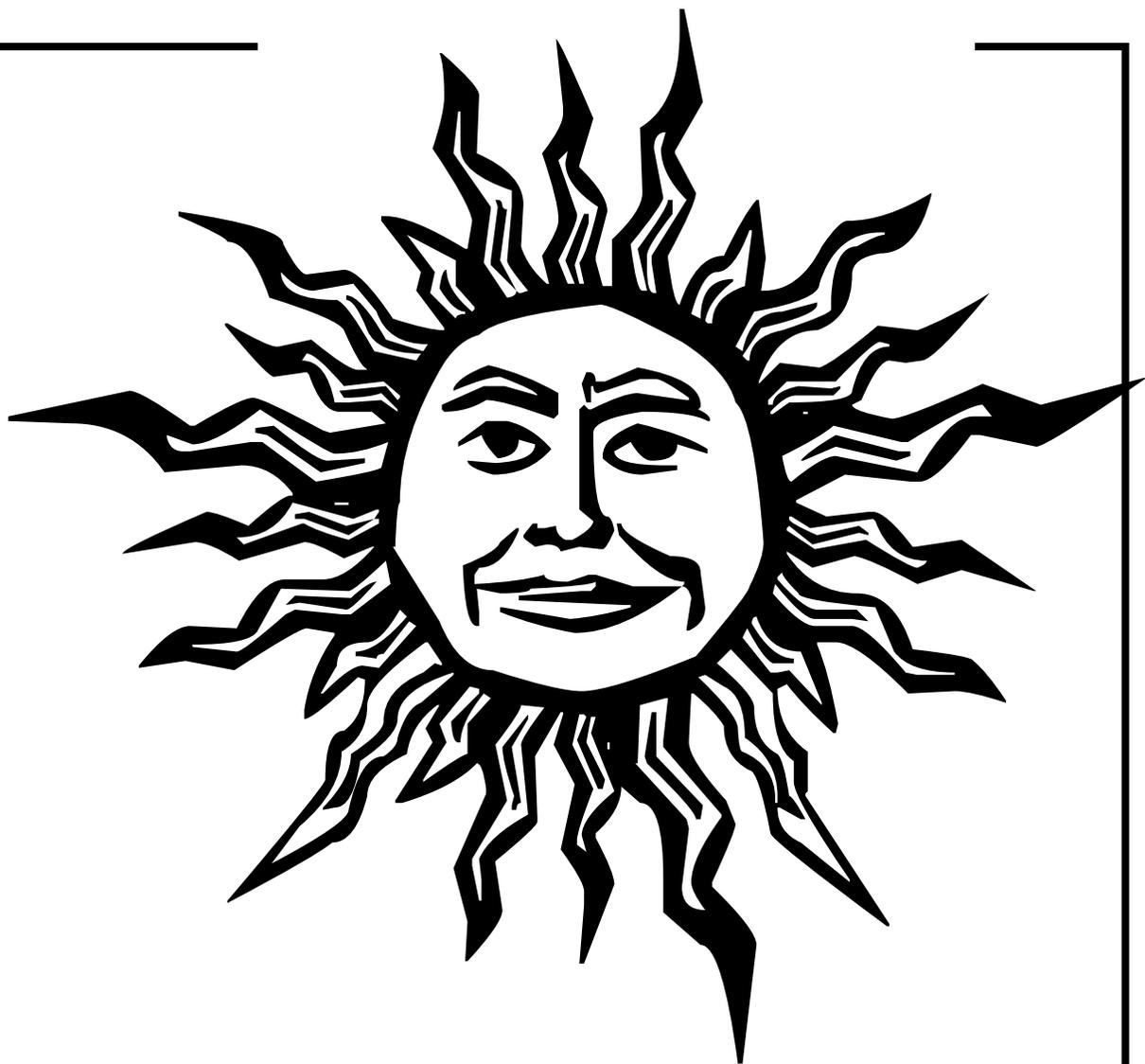
POEMA DE CORDEL POR OLEGÁRIO ALFREDO

Entre na Biblioteca  
Não perca um só segundo  
Os livros estão escritos,  
A linguagem traduz o mundo  
A leitura é para a mente  
No acolhedor ambiente  
Um aprendizado profundo.

Ler não é matar o tempo  
É um remédio para o viver  
E a biblioteca o que é?  
É o espaço do saber  
Cumprindo seu papel  
No imenso carrossel  
De educar para crescer.

Aqui mando meu recado  
Aos mentores da cultura  
Faça da biblioteca  
Um canteiro da fartura  
É que devemos ensinar  
Em qualquer canto ou lugar  
O amor pela leitura.





A biblioteca também é  
Pulso do conhecimento  
Um local de descoberta  
Prazer e divertimento  
Na formação de leitores  
À cata de bons autores  
Um salutar complemento.

Sessenta anos de existência  
A memória permanente  
Guardada em livros, jornais  
Periódicos, CDs e nas mentes  
De todos frequentadores  
Estudantes e servidores  
Que se fizeram presentes.



**OLEGÁRIO ALFREDO**  
é membro da ABLC (Academia Brasileira de  
Literatura de Cordel) e da ALTO (Academia  
de Letras de Teófilo Otoni - MG).

---

# “Meu mundo é aqui, porque aqui me preenche”:

## A LUIZ DE BESSA E O TESTEMUNHO AFETIVO DE SEUS USUÁRIOS

FABRÍCIO JOSÉ NASCIMENTO DA SILVEIRA

---

*"Uma biblioteca, em última instância, só adquire sentido pelo trabalho de seus leitores". JACOB, 2000, p.11.*

A história das bibliotecas públicas, tal qual a de outras instituições culturais, tem sido contada segundo as diretrizes definidoras de um programa historiográfico designado por *histoire événementielle*. Centrada na ideia de acontecimento, tal vertente se organiza em torno da construção de narrativas lineares, cronológicas e evolutivas cujos fatos e personagens em relevo acabam por indicar modalidades específicas de compreensão e formalização da história de uma nação, de agrupamentos sociais delimitados espacial e temporalmente ou mesmo de esferas da sociedade civil ligadas à produção, preservação e difusão do conhecimento. Desta feita, relatos sobre grandes incêndios, catástrofes de todas as ordens ou referentes à aquisição de vultosas coleções; saques de obras raras ou à inauguração de dependências cada vez mais modernas, bem como à implementação de sofisticados sistemas organizacionais constantemente têm sido arrolados como marcos reveladores da importância histórica de algumas das mais famosas bibliotecas públicas do mundo.

No entanto, por serem espaços que refletem as diferentes pulsões da vida cultural que se dão a ver em torno de si, uma série de estudos de cunho sociológico tem trazido à cena novos registros e outras ferramentas interpretativas, cujo conjunto se converte em referencial elucidativo acerca da relevância e do lugar social ocupado por tais instituições (as bibliotecas públicas) no âmbito de uma dada comunidade ou mesmo no cerne dos intrincados sistemas de produção e difusão do conhecimento que ora emergem. Nessa virada epistêmica, a preocupação central não recai mais, e tão somente, sobre os acervos e as estruturas físicas que as constituem. Somam-se a estes as distintas relações mantidas com os usuários, as táticas e estratégias utilizadas para atrair públicos diversificados, os usos e contra-usos que leitores e usuários lhes impõem

cotidianamente e as respostas oferecidas frente às demandas e transformações do mundo contemporâneo.

Trata-se de diretrizes que têm fundamentado uma série de projetos e pesquisas cujo objetivo maior visa entender e demonstrar porque, em países como o Brasil, por exemplo, as bibliotecas públicas ainda são o equipamento cultural de maior relevância em termos de incidência municipal e enquanto dispositivo veiculador de conteúdos ligados ao universo da cultura em geral. Ações que são levadas a cabo através de métodos como: análise e descrição das comunidades de leitores que se formam/formaram em sua volta; comparação dos índices de frequência e usabilidade alcançados por determinada biblioteca em relação aos demais organismos culturais disponíveis em certa localidade; avaliação da escala de satisfação da população tanto em relação ao acervo, à infra-estrutura física, quanto aos serviços prestados por uma instituição específica.

Além desses artifícios, torna-se possível edificar um valioso panorama analítico acerca da inserção das bibliotecas públicas nos domínios da vida cultural de certos sujeitos ou mesmo de uma coletividade inteira (cidade, estado ou país), identificando-se situações e representações que corroboram para a configuração e mobilização de um quadro mnêmico compartilhado social e relacionalmente em torno de tais espaços. É isso que o presente texto objetiva evidenciar tendo como referência o testemunho e as histórias de vida de três usuários da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Coletados para uma pesquisa de doutoramento, os relatos em questão sinalizam para enquadramentos afetivos e modos de apropriação dos espaços e acervos da biblioteca que acabam por caracterizar a Luiz de Bessa como uma instituição social que ocupa um lugar de destaque no cenário cultural e intelectual mineiro. Estatuto prático-simbólico

edificado, sobretudo, em função das atividades que desenvolve enquanto espaço de leitura, de incentivo às práticas educativas, de preservação da memória coletiva e, também, como território de sociabilidade e experiências afetivas que marcam de maneira muito concreta a biografia e as referências mnêmicas de seus frequentadores.

Para tanto, além de uma pequena apresentação da história de vida dos depoentes, traz à cena as respostas que cada um dos usuários concedeu às seguintes questões formuladas ao longo da captação dos testemunhos: *que impressões e sensações foram vivenciadas por eles durante o primeiro contato com a Luiz de Bessa; qual a importância da Biblioteca para Belo Horizonte; e qual o lugar que a mesma ocupa em suas histórias de vida?* Começamos, pois, a dar voz aos nossos interlocutores.

**Iara S.** é natural de Belo Horizonte e nasceu em 1988. Sempre morou com os pais, os avós maternos e sua única irmã. Graduiu-se em história e trabalha como técnica em assuntos educacionais na Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Afirma que cresceu rodeada por livros, embora a biblioteca familiar não fosse muito grande. Um dos primeiros livros que leu foi a coleção do “Sítio do Pica-pau Amarelo”, presente dado por uma tia: *“os livros eram grandes, não eram fininhos e eu lia várias vezes o mesmo livro. Quando eu gostava muito, passava um tempinho eu lia de novo, então algumas das histórias do Monteiro Lobato eu sabia quase de cor. As que eu mais gostava eram as que eles iam pra Grécia, Os doze trabalhos de Hércules e tinha uma outra, o Minotauro”*. (Iara S., p.2). Além das aventuras do Sítio, sua infância foi marcada pelas leituras das “Revistinhas da Turma da Mônica”, já que a irmã havia ganhado uma assinatura da madrinha.

Diz com orgulho que sempre estudou em escolas públicas e, apesar de saber da existência de bibliotecas nessas instituições, relata que, até a adolescência, o espaço de leitura mais importante foi a Biblioteca Pública Infante-Juvenil de Belo Horizonte. Seu pai possuía uma oficina nas imediações e, às vezes, ela e a irmã passavam o dia todo na Infante-Juvenil. Achavam o espaço encantador: *“sempre tinha oficinas, tinha uma brinquedoteca fantástica e as mesinhas da altura de criança, tudo pra criança né? O banheiro, as cadeiras, as estantes baixas, lá tinha oficinas de teatro, produção de texto, ‘nó’, de muitas coisas. Então a gente ia pra lá tanto para participar das oficinas, quanto para ficar lendo, passar a tarde lendo e pegando livro emprestado”*. (Iara S., p.4). Foi ali que ela descobriu os livros da “Coleção Vaga-Lume” e os autores Pedro Bandeira e Ziraldo, referências inesquecíveis.

Quando se tornou adolescente e seus interesses mudaram, migrou para a Luiz de Bessa. Ia para lá estudar e se preparar tanto para o vestibular quanto para alguns concursos públicos que havia programado realizar. Quando entrou para a universidade, esse contato diminuiu, embora se dirigisse a ela, mesmo que raramente, para efetuar alguma pesquisa demandada em sala de aula. Caracteriza-se como politicamente engajada e defende a ocupação pública da cidade, postura que diz ter herdado dos pais que sempre levaram as filhas aos parques e festivais urbanos que movimentam a capital mineira. É fã de sebos e guarda boas recordações da Praça da Liberdade, território ocupado por

ela da seguinte maneira: *“na infância era brincando, não era passeando e aí depois de um tempo, na adolescência mesmo, quando eu fui estudar em uma escola que era maior, no Marconi, que é mais longe de casa né e tal, eu comecei a matar aula sabe, não entrar pra aula e ficar lá passeando, com colegas também”*. (Iara S., p.7-8).

Ao falar sobre sua chegada à Luiz de Bessa, Iara S. descreve um momento de puro encantamento e de uma intensa vontade de se integrar aos espaços da Biblioteca e de se apropriar dos livros ali disponíveis:

Eu fiquei completamente..., assim: “nossa, o quê que eu vou querer ler hein?”. Eu fiquei assim: “nossa é livro demais como é que eu vou descobrir o quê que é romance, o quê que não é? O quê que é poesia, o quê que não é?”. Aí eu saí meio que fuçando e fui descobrindo aos poucos, mas a primeira impressão foi de muito encantamento. Eu tinha a ilusão de, quando era nova, de que trabalhar na biblioteca devia ser a coisa mais maravilhosa do mundo. (Iara S., p.8).

Achava o espaço “leve” e “tranquilo”, *“que não te dá nenhum sentimento de ir embora”*. (Iara S., p.9). Para lá se dirigia quando desejava pegar um livro emprestado, fazer trabalhos da escola, usar a internet, *“a gente saía da aula e ia pra lá no mesmo esquema, pra estudar, ficar lá na biblioteca e depois ir embora, depois passear pela cidade a pé mesmo, e ir pra casa”*. (Iara S., p.8).

Usuária independente, quase nunca recorria aos préstimos das bibliotecárias, “curtia” mesmo era ficar *“andando por minha conta e fuçando e tentando descobrir..., acho que eu estava tentando descobrir também que tipo de literatura que eu gostava, que livro me agradava, que não me agradava com base também nas coisas que eu já tinha lido, ou o que minha mãe falava comigo “leia esse livro!”, “você devia ler esse livro”, “você podia ler essa coisa”, “isso é legal”*. (Iara S., p.10). Com isso, se lembra de ter sido na Luiz de Bessa que descobriu Dostoiévski e vários outros autores que lhe marcaram profundamente. Por isso, afirma que a biblioteca influenciou diretamente em inúmeras escolhas às quais teve que proceder, entre elas a de definir seu campo de atuação profissional. Segundo a entrevistada, o acesso aos livros proporcionado pela Biblioteca lhe permitiu pensar muita coisa, refletir sobre muita coisa, e isso fez uma enorme diferença para ela. Dito com suas próprias palavras:

Na minha vida? Ah, acho que é grande, não enorme a ponto de falar “ela é a minha vida”, não! Mas eu digo que as bibliotecas têm um papel importante na minha vida e os livros mais ainda. Acho que muito da..., porque os livros sempre me influenciaram muito sabe, me fizeram pensar muita coisa, refletir muita coisa e os lugares em que eu li os livros, que eu tinha acesso à eles eram nas bibliotecas. [...] É um papel muito legal, acho que é bem considerável, que fez diferença, sabe? Fez diferença em ter acesso a coisas que talvez eu não tivesse e que

eu queria ter. Lá era a maneira de ter acesso a essas coisas, mesmo com todas as limitações. Igual eu falei, às vezes você não encontra o que você procura, quer dizer, você acha que o livro está mal cuidado e tal, mas você tinha o acesso ali. Era o caminho possível, não era o ideal, mas era o que tinha, e aí eu acho que nisso fez muita diferença. (Iara S.; p.15-16).

A Luiz de Bessa também fez muita diferença nos encaminhamentos que determinaram os rumos da vida de **Luiz R.** Nascido em São José dos Campos, São Paulo, no ano de 1986, veio para Belo Horizonte aos doze anos, onde mora com mais dois irmãos. Filho de pais leitores, acredita ter sido deles que herdou o gosto pela leitura. Aos cinco anos começou a ser alfabetizado pela irmã e passou a se interessar por diversos assuntos literários. Não escondia de ninguém sua predileção por textos e imagens relacionados ao universo automobilístico, embora portasse, ainda, uma segunda paixão: *“eu gostava muito que meu pai ou minha avó contassem histórias para eu dormir, e disso aí, imagina, saiam histórias das mais variadas”*. (Luiz R.; p.2).

Também tinha prazer em frequentar às bibliotecas das instituições em que estudou, *“eu lembro até que eu vivia devendo multa de livro lá na biblioteca da escola, eles viviam me caçando – “você está devendo tanto aqui” –, pois eu deixava, eu esquecia de devolver”*. (Luiz R.; p.3). Gosta e vai muito a teatros, exposições, museus e cinemas, só não se sente confortável em lugares muito tumultuados em razão da deficiência visual. Luiz R. é portador de um problema congênito na retina e possui apenas 10% da visão, consegue andar sem o auxílio de bengala durante o dia, mas, à noite, não mostra a mesma desenvoltura para se locomover.

Tem uma afeição muito particular pela Praça da Liberdade, espaço que transita desde que chegou a Belo Horizonte. No entanto, não foi a Praça que o levou até à Luiz de Bessa. Esse contado só se deu quando o depoente já havia completado 22 anos e estava cursando o 5º período de Direito. À época, enfrentava dificuldades para ler os textos trabalhados em sala de aula e estava praticamente decidido a abandonar o curso. Tomou conhecimento da Biblioteca através do irmão, mas só teve coragem de se dirigir ao setor Braille passado um mês da primeira conversa sobre o assunto. Achou estranho o espaço e a situação, mas rapidamente se sentiu integrado. Hoje vai à Luiz de Bessa todos os dias, de segunda a sexta-feira, em período integral. Está aprendendo latim com um dos leitores voluntários da casa, terminou sua graduação e foi aprovado em dois concursos públicos.

Não é sem razão, pois, que o depoente considera a Biblioteca, em especial o Setor Braille, um espaço de sustentação emocional que acabou reabilitando-o para a vida. Chegou lá se sentindo deslocado e achando aquilo tudo muito esquisito, mas mesmo assim marcou uma leitura voluntária para o dia seguinte. O que aconteceu? Vejamos o que ele nos diz:

É difícil essa readaptação, para mim foi muito difícil, em um dia eu estudo normalmente e no outro dia eu estou aqui para

as pessoas lerem para mim? Ou seja, já tinha parte da minha autonomia tolhida, né! Eu marquei voluntário, eu lembro até da primeira voluntária que leu para mim, ela se chamava Regina. Aquilo foi uma coisa esquisita eu não conseguia compreender bem o que ela leu, foi um estudo meio..., foi algo muito desconfortável, estranho, diferente, era o novo. Mas eu lembro que com uma semana eu já estava completamente adaptado com esta estrutura aqui, apaixonado com os voluntários daqui, muito integrado, me sentindo muito bem acolhido. (Luiz R., p.6-7).

Acolhimento e readaptação, ações integradoras que permitiram a Luiz R. criar vínculos afetivos estreitados por relações de sociabilidade mantidas tanto com os bibliotecários, quanto com os voluntários do setor. O depoente assim descreve a importância dessas novas relações estabelecidas no contexto da Luiz de Bessa:

Olha, eu não tenho, meu vocabulário não tem palavras para descrever como que é essa relação, de tão boa que ela é. Eu tenho grande parte dos meus amigos verdadeiros, amigos mesmo, eles vieram daqui. Com relação aos bibliotecários, também são pessoas que eu vou levar no meu coração pelo resto da vida, são pessoas que fazem parte da minha história, eu poderia dizer assim. As amigadas que eu consegui aqui, elas são inexplicáveis, assim. Eu sou muito grato a este setor, não só pela leitura que eu recebo, não só pela ajuda física que eu recebo, mas também por saber que aqui é um lugar de pessoas especiais. Só de elas estarem aqui ajudando já dá provas de que elas são especiais. Aqui é uma peneira, aqui é um lugar escondido que nem todo mundo conhece, mas que, se você entra, você está em contato com pessoas maravilhosas e eu sou muito feliz, muito orgulhoso dos grandes seres humanos que eu conheci aqui e vou levar para o resto da vida. O dia em que eu não puder mais frequentar este setor aqui, eu vou lembrar disso aqui como um belo, um período maravilhoso na minha vida, um período que eu posso dizer ajudou até na formação do meu caráter. As experiências, a maturidade que eu adquiri aqui, eu aprendi muita coisa neste setor aqui. Destes quatro anos e pouquinho que eu estou aqui, eu mudei muito como pessoa, eu amadureci demais, passei muita coisa graças às pessoas daqui, aprendi muita coisa, tive muita experiência. Eu devo, também, pouco do que eu sou a esse setor aqui. (Luiz R., p.7).

Ajudando o usuário a se reconhecer como uma pessoa que precisa de auxílio, as experiências vivenciadas no setor Braille promoveram uma guinada intersubjetiva importante em sua vida, uma vez que potencializou sua autonomia enquanto sujeito e lhe conferiu as condições

necessárias para concretizar planos antes limitados pela deficiência visual. O trecho que se segue se expressa como uma defesa apaixonada e portadora de nítido agradecimento à Biblioteca e aos voluntários da instituição:

Até os 22 anos eu tive uma vida muito dificultada, tudo pra mim era muito difícil: estudar, fazer as coisas, por quê? Primeiro porque eu não me encarava como um deficiente visual, eu me cobrava como uma pessoa normal. Geralmente pessoas com baixa visão têm isso. A sociedade cobra da gente, nós mesmos nos cobramos como pessoas normais, e estando aqui eu realmente me sinto como, não que seja bom se sentir deficiente, mas eu me sinto como uma pessoa que tem auxílio. Eu entro aqui, as pessoas que me ajudam, elas olham pra mim e sabem o que eu posso fazer, o que eu não posso fazer, elas já me ajudam sem nem mesmo eu pedir. Eu acho que é mais importante como integração mesmo. A importância para minha vida é aquela que eu falei para você, se eu não tivesse conhecido este setor provavelmente eu não teria formado ainda, não teria passado no concurso ainda. Foi importante também pra eu me adaptar, aprender a mexer em um computador adaptado pra cego, aprender a usar uma lupa eletrônica, aprender o braille, eu aprendi o braille aqui. Eu acho que isso aqui foi muito importante na minha vida, no sentido de adiantar minha vida, isto aqui adiantou a minha vida e adiantou a minha vida profissional, adiantou a minha vida intelectual. Há também a questão das amizades que eu ganhei, um lugar que eu vou levar pro resto da vida, algo que realmente marcou minha vida. (Luiz R., p.10-11).

A Luiz de Bessa é um lugar que também marcou a vida de nosso terceiro depoente. **José F.** nasceu em Conselheiro Lafaiete e tem hoje 59 anos. É filho de um ferroviário e de uma professora da escola rural. Aprendeu a ler com a mãe e com uma empregada da família que fazia leituras regulares para ele e suas duas irmãs. Sempre frequentou escolas públicas e era um bom aluno, por ser filho de professora, tinha que dar exemplo. Contudo, no ginásio, não “levou a coisa a sério” e foi reprovado, “e nessa oportunidade teve uma professora lá que me chamou, disse que eu era o mais burro da turma – “você é o mais burro da turma! Eu nunca vi gente burra assim.” –, disse que eu não daria carreira”. (José F., p.4). Lembrança que ainda expressa com rancor.

Não havia bibliotecas nessas escolas por onde passou, a leitura era promovida e incentivada pelos professores. Supria a falta de incentivo na escola indo à biblioteca pública da cidade. Veio para Belo Horizonte no final de 1972, 1973, não se recorda precisamente, mas diz que o intuito era tentar a escola técnica. Como o dinheiro “era difícil”, foi morar em uma república de dois cômodos, divididos por 12 pessoas. Mesmo assim, “nesse período eu estudei tudo, fiz o que tinha que ter feito, melhorei

*minha vida e essa pessoa que me chamou de burro, eu levei as provas pra ela ver, então eu fui crescendo desse jeito”. (José F., p.8).*

Frequentava pouco a Praça da Liberdade e só veio a conhecer a Luiz de Bessa quando foi convidado para trabalhar no centro de pesquisas da Vale, apesar de ter ficado lá por pouco tempo, já que preferiu mudar-se para a Cemig, empresa que lhe possibilitou conhecer “até os Estados Unidos”. O vínculo com a Biblioteca só se estreitou depois da aposentadoria. Casado, mas sem filhos, quis saber, de maneira autodidata, “a origem das palavras, a origem das letras”, (José F., p.9), e se aprofundar no estudo da historiografia e cultura mineira. Em suas palavras:

Aí eu me interessei pelos jornais da época e fui lendo todos que eu podia ler, todos que eu tinha acesso. Então eu via como é que o povo vivia, o quê que se comia, o quê que bebia né!, queria saber tudo..., tudo: o quê que o povo fazia, o quê que tinha de relação de uma cidade com a outra, como é que uma criança aprendia a ler há tantos anos atrás, eu queria saber como é que se fundou a primeira escola pública, a primeira escola de letras, as relações entre as capitânicas, tudo, tudo que você puder pensar eu fui ver, tudo! (José F., p.9).

Hoje se declara um devotado usuário da Mineiriana. Frequenta esse espaço diariamente, exceto às quintas-feiras, dia em que ajuda sua esposa com os afazeres da casa. Foi nesse setor que conheceu sua mais recente paixão literária, que o mobilizou, inclusive, a aprender português arcaico: “conheci aqui o Rafael Bluteau, o pessoal não conhece o Rafael Bluteau, o cara é o máximo, ele é..., é o caminho das índias literárias, é o máximo, é o oitavo elemento, não tem ninguém na frente dele, então ele está no Everest, subiu num tijolo braúna e está acima de qualquer suspeita, então ele é o caminho das índias literárias”. (José F., p.12-13). Relata ter lido todos os 8 volumes, empreitada levada a cabo ao longo de dois anos ininterruptos de leitura.

É por isso que considera a Mineiriana “o máximo”, um verdadeiro acervo histórico e de referência. Conforme sustenta, “acima disso só a Biblioteca Nacional”. (José F., 14). Mas há uma situação que lhe deixa frustrado e descontente: o pouco uso das coleções especiais por parte de outros pesquisadores e de sua depreciação em relação a outras mantidas por entidades estrangeiras. Tanto que, em sua defesa, compara os fundos bibliográficos da Luiz de Bessa a um diamante que está escondido: “é um diamante que está escondido, tá escondido! Aqui podia estar cheio de pessoas; as escolas, os professores, acho que tem pessoa que tem medo de vir cá, tem medo. A história nossa tá aqui dentro”. (José F., p.15-16).

Como se vê, além de um lugar de leitura e estudo, a Biblioteca, e em especial o setor de coleções especiais, é um espaço que faz José F. se sentir bem, que lhe dá vontade de continuar a aprender mesmo depois de aposentado. Representa, ainda, um refúgio contra o ócio, mais que isso, um espaço de sociabilidade e de interação permanente com outros usuários da Luiz de Bessa:

Nessa minha vida eu converso com todo mundo, eu sou pra conversar, sei conversar com as pessoas, as pessoas acham interessante. [...] Conheço pessoas diferentes, tenho o prazer de falar da biblioteca pras pessoas, mostrar o que eu to lendo, não escondo nada de ninguém. (José F., p.18-19).

A Luiz de Bessa tornou-se, assim, para José F. um lugar que preenche a sua vida. Ao pesquisar na Mineiriana, o depoente consegue ocupar seu tempo livre, satisfazer seus anseios por conhecimento e exercitar sua vocação socializante. Diz que todos os dias descobre “coisas novas” e conhece pessoas com as quais pode dividir aquilo que aprendeu. Trata as bibliotecárias “a ouro em pó” (José F., p.18), os livros como verdadeiras preciosidades e pontua que a Biblioteca é um “diamante que está escondido”. Sente-se tão integrado aos seus espaços que, ao fim de sua narrativa, nos diz que poderia falar muitas outras coisas, “*sem ter hora pra parar*”:

Aqui me preenche tudo igualzinho, às vezes chega um pesquisador que eu vejo que ele tem dificuldade, eu educadamente inquiri, ajudo, mostro..., é isso que eu faço. [...] As bibliotecárias aqui são tratadas a ouro em pó, porque ouro em pó não tem mistura. A gente tem que ver as pessoas como ouro em pó, não tem sujeira, não tem falcatura, não tem falsidade. Eu acho que a gente devia dar mais valor pras coisas que já estão prontas e perder menos tempo com essas coisas na vida. Pra quê ter livros em biblioteca? Minas Gerais tem quantos municípios? Será que todos têm uma biblioteca adequada? Então, a minha vida é essa e eu podia conversar mais coisa ainda. [...] Então eu fico satisfeito e a gente podia conversar muito mais, não tem hora pra parar não. (José F. 18-21).

Múltiplas maneiras de apreensão que acabam por referendar a importância social e simbólica da Luiz de Bessa para a cidade e para seus usuários. Importância que se revela através da extensão e da diversidade de suas coleções; do potencial congregador dos serviços, ações e atividades que oferece; do acolhimento e respeito à diferença em seus setores e espaços; da responsabilidade que assume nos processos de fomento à leitura, à educação e à preservação do patrimônio e da memória local, regional e nacional; no suprimento às demandas por espaços de estudo, sociabilidade e integração social; enfim, em sua força de representação política, histórica e cultural.

Por tanto, não é sem razão que os usuários aqui em foco expressam-se em relação à Luiz de Bessa de maneira muito carinhosa, pontuando a importância dela em suas biografias e defendendo sua valorização social. Importância e defesa cujas várias facetas podem ser visualizadas claramente na seguinte declaração de um dos nossos interlocutores: “*a Biblioteca é um lugar legal que precisa continuar existindo porque facilita a vida das pessoas*”.

Eis aí uma afirmativa que nos oferece uma compreensão mais ampliada da epígrafe que abre esse texto: “*uma biblioteca, em última instância, só adquire sentido pelo trabalho de seus leitores*”. Enquanto espaços vivenciais, as bibliotecas, especialmente as públicas, congregam amplas possibilidades de movimentar, afetar e redimensionar as referências intersubjetivas acionadas por seus distintos usuários no momento em que estes são chamados a elaborarem um discurso, uma imagem sintetizadora de si e da sua história de vida.

Isso explica os distintos enquadramentos representacionais acionados pelos depoentes para descrever a importância que a Luiz de Bessa ocupa no cenário cultural da cidade e no contexto de suas vivências particulares. Portanto, adjetivações como “refúgio para os estudos”, “lugar de reabilitação para a vida”, “tesouro do conhecimento”, “espaço de descanso”, “território encantado”, entre outros, são menções que dão a ver a amplitude de seus domínios de atuação e um reconhecimento de sua relevância Cambólica, afetiva e funcional. É por isso que esses 60 anos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa devem ser comemorados, assim como devemos lutar para que sua história se torne cada vez mais longa e presente na vida e nas lembranças de seus leitores e usuários.

Dados apresentados pela Pesquisa de informações básicas municipais do IBGE, ano base 2006.

Intitulada de: Biblioteca pública, identidade e enraizamento: elaborações intersubjetivas ancoradas em torno da Luiz de Bessa, a mesma teve orientação da Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis e foi defendida em abril de 2014 junto ao PPGCI/UFMG.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712–1728. 8v. Além dos oito volumes, o dicionário conta com dois outros volumes suplementares. Nestes suplementos, existem verbetes novos e também informações adicionais aos verbetes existentes.

FABRÍCIO JOSÉ DO NASCIMENTO SILVEIRA

é autor da tese *Biblioteca pública, identidade e enraizamento: elaborações intersubjetivas ancoradas em torno da Luiz de Bessa*, 2014.

# Esperando mamãe na infantil

POR CRISTINA ÁVILA

Cheiro de livro é cheiro de infância. Olhar de um lado pro outro e atravessar a Rua da Bahia.

Entrar no prédio pela frente, cabeça erguida. Entrar na infantil. Esperar na sala da infantil ouvindo de longe a risada alegre da mãe.

A mãe que tomava conta dos livros.

Mexer na estante na ponta dos pés.

Pegar um volume do Mundo das Crianças, que só lá existia, tão caro e lindo.

Ler e ler. Poeminhas – os favoritos. Mas era tudo lindo, desenhado e colorido.

Até ouvir os saltinhos sobre os tacos de madeira e ver a mamãe sempre sorrindo.

A Biblioteca era pública, mas era, nesta hora, mais minha e dela. Escolhe um livrinho para ler em casa... Ela dizia, sem sugerir nada. Observava.

Com a carteirinha na mão podia levar qualquer um – Ou Isto, ou Aquilo.

Talvez Atíria, a Borboleta. E participar do Pipoca – o jornalzinho da biblioteca infantil.

Arriscar a contar uma aventura imaginada, batida na máquina do pai, catando milho.

Escolher outro e mais outro, todo dia era – Ou Isto ou Aquilo. Depois devolver ou renovar o pedido.

Laís a mãe de todos aqueles livrinhos e amiga da Lúcia, a Lúcia Machado de Almeida, que servia chá com bolo e escrevia livrinhos. Literatura infantil.

Laís Correa de Araujo me viciou em livros. Lúcia incentivou. Era só atravessar a rua, mamãe trabalhava na Biblioteca e lia e ria.



CRISTINA ÁVILA

mineira de Belo Horizonte, é historiadora e especialista em Cultura e Arte Barroca.

# A UNIVERSIDADE DO

AMILCAR VIANNA MARTINS FILHO

---

**A** criação de uma biblioteca pública em Minas é um antigo sonho de nossos antepassados. No século XVIII, nem mesmo a censura e o formidável aparato policial da Coroa Portuguesa conseguiram impedir a entrada na capitania de livros que atentavam contra a moral, os bons costumes e a ordem pública. Prova disso são as bibliotecas confiscadas dos inconfidentes como a do Cônego Luiz Vieira, de Cláudio Manoel da Costa, do padre Toledo, de Alvarenga Peixoto e de José Rezende Costa.

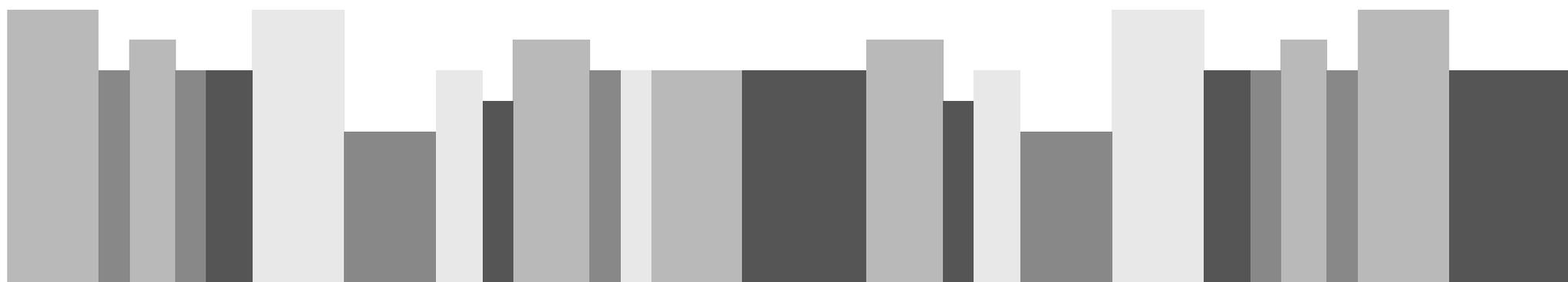
Já no século XIX, algumas bibliotecas públicas foram criadas na província, sendo que apenas uma, justamente a primeira, sobrevive até hoje, ainda que precariamente. Trata-se da Biblioteca Batista Caetano, inaugurada em São João Del Rei em 1827. O acervo inicial era formado por livros da coleção particular de seu fundador e incluía, entre outros títulos, as obras completas de Condillac, Mably, Abbée Raynal, Diderot, Buffon e Voltaire. Após a morte de Batista Caetano, em 1838, a prefeitura assumiu a administração da biblioteca.

Ainda no século XIX, três outras bibliotecas públicas foram criadas, mas nenhuma delas chegou aos nossos dias. A primeira foi fundada em Ouro Preto em 1831 e funcionava em uma casa da Praça Tiradentes. Segundo Nelson de Senna, faziam parte do acervo livros que pertenceram a Tomás Gonzaga, Cláudio Manoel, Alvarenga Peixoto, Álvares Maciel, Diogo de Vasconcelos, o velho, Padre Toledo e Cônego Luiz

Vieira, entre outros. Não há notícia sobre o destino dado a essa coleção. Outra tentativa, a mais intrigante tanto por sua localização quanto pela sua importância – teria sido a maior biblioteca pública da província – foi a Biblioteca Laminense, criada por Napoleão Reys em Lamim, distrito de Queluz (hoje Conselheiro Lafayette), em 1897. Infelizmente, hoje não resta praticamente nada dos mais de 20.000 volumes dessa coleção. A casa onde funcionou a biblioteca está abandonada e os poucos livros que sobraram, quase totalmente destruídos pelas traças, dividem o espaço com um grande número de pombos e de morcegos.

Finalmente, ainda no final do século XIX, em 1894, foi criada a Biblioteca Municipal de Belo Horizonte, por iniciativa de alguns membros da Comissão Construtora da capital. Esta biblioteca também chegou a reunir mais de 20.000 livros e funcionou muitos anos na sede do antigo Conselho Deliberativo (hoje Centro Cultural da Prefeitura de Belo Horizonte), na esquina da Rua da Bahia com Avenida Augusto de Lima. Carlos Drummond de Andrade e Francisco Iglésias, em diferentes épocas naturalmente, foram assíduos frequentadores dessa biblioteca. Em 1963, a Biblioteca Municipal de Belo Horizonte foi transferida para o IMACO, no Parque Municipal, e quase nada sobrou de seu acervo.

Após tantas tentativas fracassadas, só na segunda metade do século XX, em 1954, foi finalmente criada a Biblioteca Pública Estadual, por iniciativa do governador Juscelino Kubitschek. Em sua Mensagem à Assembléia Legislativa, em que propõe a criação da biblioteca, o



# POVO

governador mais uma vez revela sua visão de estadista à frente do seu tempo e preconiza que além de “um espaço de guarda e preservação do patrimônio bibliográfico de Minas” a nova biblioteca deveria ser “um centro de socialização da comunidade, desenvolvendo a propagação do livro, incentivo à leitura, palestras, teatro, audições musicais, exibição de filmes, exposição de belas artes, artesanato, folclore...”. Com um programa vanguardista como este, Juscelino antecipava o destino e a vocação da nova biblioteca que, em 1961, recebeu o nome de Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Para completar sua obra, o governador encomendou o projeto arquitetônico a Oscar Niemeyer e convidou para dirigi-la o Professor Eduardo Frieiro, que cuidou também, para nossa felicidade, da formação inicial de seu acervo.

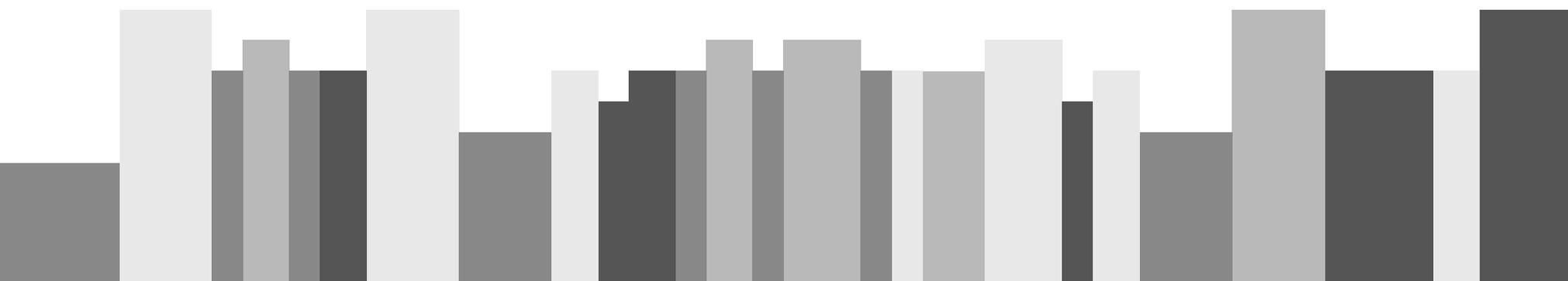
Sessenta anos depois, há muito a ser comemorado. Apesar de todos os percalços e dificuldades, podemos considerar razoavelmente cumpridas as diretrizes originais propostas pelo seu idealizador. Além do teatro, do espaço para exposições, do ônibus-biblioteca, da oficina de restauro, da seção de Braille e tantos outros equipamentos e projetos, nossa biblioteca reúne hoje um precioso acervo de centenas de milhares de livros, opúsculos, periódicos e outras mídias, que nos enchem de orgulho não só pela sua quantidade e abrangência como também pela qualidade de suas diversas coleções.

Como dizia o Professor Eduardo Frieiro, a Biblioteca Pública Estadual “é boa, sim, muito boa mesmo.” Talvez possamos dizer, sessenta anos

depois, que estamos nos aproximando, cada vez mais do paraíso imaginado pelo escritor argentino Jorge Luiz Borges. Por outro lado, se há muito a ser comemorado, há mais ainda a ser agradecido. Nós mineiros temos uma grande dívida – impagável como são as dívidas de gratidão – com todos aqueles, homens e mulheres – governadores, secretários, diretores, superintendentes, bibliotecários, funcionários administrativos, colaboradores voluntários e patrocinadores – que a cada dia, ao longo dos anos, construíram esta biblioteca, a biblioteca dos mineiros. A única maneira de reconhecer seu esforço e honrar a memória desses benfeitores é através de um compromisso coletivo de fazermos a nossa parte e deixarmos uma biblioteca ainda melhor para aqueles que virão depois de nós. Se fizermos assim, estaremos realizando o sonho de JK expresso em sua Mensagem há sessenta anos: a biblioteca pública de Minas será, doravante, “a verdadeira universidade do povo”.

**AMILCAR VIANNA MARTINS FILHO**

mineiro de Belo Horizonte, é mestre em Ciência Política pela UFMG e doutor em História pela University of Illinois (EUA). Atualmente, dirige o Instituto Cultura Amilcar Martins.



# Olavo Romano

RECORDAÇÕES DE UM AMIGO DA BIBLIOTECA

ENTREVISTA A  
JOÃO POMBO BARILE E MARCELO MIRANDA

---

**N**um bate-papo informal realizado em maio na sede da Academia Mineira de Letras, localizada na rua da Bahia, o atual presidente da entidade, Olavo Romano (autor de uma série de livros sobre “causos” mineiros e entusiasta da linguagem oral e da memória), falou ao *Suplemento* sobre sua infância, a chegada a Belo Horizonte, a vontade de ser escritor e sua relação com a então incipiente Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa nos anos 1950 e 60.

**Gostaríamos de ouvir um pouco sobre seus primeiros contatos com o livro e com a literatura.**

Às vezes eu pensava que sou como sou e escrevo o que escrevo porque nasci num lugar tal, que era assim e assado, mas, depois de um tempo, percebi que todo mundo que nasceu no mesmo tempo que eu teve uma experiência parecida com a minha. Por quê? Nasci em 1938, naquela época 20% das pessoas moravam em cidade, né? A maioria da população morava no interior, e tinha gente que vivia uma vida inteira sem nunca ir à cidade. Mal tinha rádio, a gente tinha um rádio a bateria que era poupado, porque era muito difícil recarregar, então se poupava o Repórter Esso para ouvir uns caipiras cantando... Era a Rádio Nacional, programas de auditório, essas coisas. Tinha pouca possibilidade de leitura, de aprendizado através de leitura. Existiam na minha infância duas revistas, *O Cruzeiro*, que era a grande publicação dos Diários Associados quando o Assis Chateaubriand estava no auge, tinha uma cadeia de comunicação, uma rede enorme. E a *Seleções*, que ainda

existe, uma leitura amena. Era isso que tinha, a não ser que se conseguisse um livro. E o livro era uma festa! Você ter um José de Alencar pra ler, imagine só... Nasci em Morro do Ferro, no distrito de Oliveira. Hoje, para você ter uma ideia, em 30 minutos você vai de Oliveira a Morro do Ferro, mas naquele tempo eram duas horas de jardineira, que era como os ônibus eram chamados, e eu só ia em casa nas férias, depois que me mudei para Oliveira para fazer o ginásio, já que Morro do Ferro só tinha curso primário. Era tudo longe. Em abril de 1948, quando eu fazia o terceiro ano primário em Morro do Ferro, na escola que só tinha as quatro primeiras séries, minha família se mudou para uma fazenda. De abril de 48 até o início do ano letivo de 1949, tive uma experiência muito importante, no contato com a natureza, assumindo tarefas na vida da roça, vendo a mudança do tempo, da natureza, plantas e animais. Em 1949, fui morar na casa de minha madrinha Carmélia, irmã de meu pai, em São João del Rei, tendo a primeira experiência de morar em uma cidade, ir ao cinema, aprendi a andar de bicicleta, algo que significou um prazer enorme. Sem falar nos sinos, nas procissões, na Semana Santa, com incenso, matracas, Beús e Verônica, aquele clima de religiosidade intensa e algo atemorizante.

**Em Oliveira tinha biblioteca?**

Tinha biblioteca na cidade e no colégio também. Nessa época ganhei os primeiros dinheiros dando aula de reforço para alunos um ano antes de mim, no ginásio de Oliveira. Vindo para Belo Horizonte, tive alunos de admissão, ensinando português, matemática, história e geografia para alunos que queriam entrar para o antigo ginásio (quinta série atual). Mais tarde, dei aulas particulares de inglês.

**E tinha biblioteca pública?**

Não, não tinha biblioteca pública, tinha biblioteca nas escolas. Tinha biblioteca de sala, também. Você tinha o Grêmio Literário, essas coisas assim. No final de 1955, vim a Belo Horizonte fazer o concurso para o Colégio Estadual, que estava sendo inaugurado naquele ano. Eu era muito bom aluno, não é modéstia, nem falta de modéstia: eu era o primeiro aluno da turma. Adorava estudar, mesmo porque estudar era o único caminho que eu tinha para achar um lugar na minha vida, isso era uma coisa que estava marcado em todos nós. Somos 15 irmãos, então era algo muito forte.

**Quando você veio para Belo Horizonte, tinha biblioteca na cidade?**

Ah, tinha uma biblioteca municipal, ali na Bahia com a Augusto de Lima.

**Foi em 1954 que a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa foi fundada.**

É, a Luiz de Bessa estava começando, né?

**Isso, ficava na rua Firmino de Brito nos primeiros anos.**

É, lá eu não frequentava ainda. Eu ia mesmo à municipal. Tinha uma figura muito curiosa lá, um cara que andava de chapéu, de terno preto. E ele dava a impressão de que vinha de um lugar escuro, e a biblioteca era meio escura também, um lugar meio sombrio, sabe? Não era, digamos assim, um ambiente muito estimulante. De qualquer forma, logo eu fui fazer ficha lá.

**Você foi da primeira turma do Estadual?**

Primeira turma do Colégio Novo, estava inaugurando. Aquele colégio foi inaugurado em 1956, né? Vim com toda expectativa de melhor aluno de um colégio do interior, então ter entrado era como um troféu. Era muita diferença de nível enorme, então foi maravilhoso passar. Eu pensava em estudar Medicina. Eram 30 alunos por sala, carteiras individuais.

**Ainda guarda a ficha de inscrição da Luiz de Bessa?**

Ah, tenho lá em casa ainda, né? Era meio laranja, tem uma foto minha de muito menino, nem me lembro o ano.

**A Luiz de Bessa inaugurou o atual prédio em 1961, ali na Praça da Liberdade.**

Nesse ano eu já estava na faculdade.

**Você foi fazer Direito na PUC?**

Isso. A gente chamava de “a Católica”, porque ainda não era PUC. Eu entrei em 1960 na Católica, tinha cursos de Filosofia, Direito e Serviço Social.

**E como era seu contato com a Luiz de Bessa nesse período?**

Eu estava fazendo Direito os livros que eu mais usava eram ou da biblioteca da Católica ou da Federal, pois eu ia muito lá, tinha o bandeirão, onde eu almoçava. Na Biblioteca Luiz de Bessa eu ia para pegar livros

de literatura. Ela era boa para a época, mas não tem muito jeito de comparar. Ela foi se tornando grande, reconhecida. Era curioso porque você ia lá e encontrava as mesmas pessoas, nos mesmos lugares, era muito interessante (risos). Como se tivesse um domínio, uma coisa assim...

**Um território marcado?**

É, um território marcado. A pessoa chegava, via seu território, a gente encontrava pessoas mais velhas, essas coisas...

**O cara que ficava sempre sentado naquela mesma cadeira...**

Sempre sentado ali, era muito interessante, uma coisa meio cenográfica. Era legal. Ir à Luiz de Bessa naquela época era como se a gente entrasse num outro ambiente, numa outra dimensão, sabe?

**Qual foi a fase em que o prédio da biblioteca era apenas um esqueleto?**

Ah, pois é, o esqueleto era quando eu estava na Escola de Direito, com certeza, ali por 1960 a 1964. Funcionava a biblioteca na parte de baixo. Tinha uma parte já construída, a parte de cima, que era onde a gente dançava e se encontrava para festas (risos). Não me lembro de detalhes, mas sei claramente que a gente frequentava um prédio interrompido, uma obra então inacabada.

**Foi fase de muita confusão, não é? Precisou que o então governador Bias Fortes conseguisse uma verba para terminar o prédio, sob risco de ele ser tomado por alguma repartição, e aí colocaram detentos na construção do resto da obra, para terminar rápido.**

Exatamente, para acabar a construção, na parte de cima.

**E como eram as festas antes do término da obra?**

Ah, eram ótimas. A gente era estudante, né? Eu não frequentava clube nenhum, era um menino da roça, ainda meio matuto, aliás coisa que nunca deixei de ser (risos). Então era turma de faculdade, os amigos, as moças do Serviço Social, o pessoal do Direito, as meninas da Filosofia, das Línguas Neolatinas. Era uma confraternização. As festas aconteciam lá em cima. Naquela época aconteciam muitos encontros assim, todo fim de semana, cada dia na casa de alguém, e a gente ia, era um negócio fantástico. Você ia numa festa no Prado, por exemplo, e os ônibus e bondes paravam de circular cedo. Ninguém andava de táxi, então íamos embora a pé. Eu, que morava perto da Praça da Liberdade, andava cidade de madrugada, todos nós levávamos as moças em casa, os grupos de amigas. Nós, rapazes, íamos deixando uma a uma nas suas casas, não tinha medo, insegurança, nada disso. Era um negócio legal, e a cidade ainda tinha sereno... Tenho essas memórias de Belo Horizonte com poucos carros de manhã, sempre molhados pelo sereno. A cidade tinha um cheiro, uma coisa que lembrava magnólia. Eu roubava rosas na Praça da Liberdade, dava a uma menina, uma coisa assim, muito tranquila. Eu fico vendo hoje meus netos, a mãe tem que levar, tem que buscar, aquela coisa.... Mas antes a cidade era vazia, poucas pessoas tinham carro. Eu morei na casa de um tio na rua Rio de Janeiro, e era um lugar onde a

gente jogava bola na esquina com a Contorno. Quando vinha um carro, a gente parava, depois voltava para a rua.

**Nessa época não tinha nem um milhão de pessoas aqui...**

Ah, quando eu vim para Belo Horizonte devia ter umas 450 mil.

**E como você seguiu na sua carreira profissional?**

Eu já trabalhava enquanto estudava, precisava trabalhar, tinha que me manter, então eu fazia tudo quanto era concurso. O primeiro concurso que fiz foi para boy do IAPI, e eram duas vagas. Tirei o primeiro lugar, foram nomeados seis e eu não fui nomeado, porque o negócio era político. Depois passei num concurso para perito criminal, em 1959. Fiz Direito porque pensava em outras coisas adiante.

**Que tipo de coisas?**

Ficou claro que seria algo ligado à comunicação, a magistério, podia ser literatura, jornalismo, ensino... Nessa época fiz também política estudantil. E fui perito criminal por cinco anos, era um negócio impressionante, você tirava um plantão de 24 horas por semana na Lagoinha, ia para lá e via coisas bárbaras... Depois fui trabalhar no exame de documentos. E me formei em Direito em 1964. De 1965 a 1967, lecionei inglês no Colégio Sagrado Coração de Jesus, de 5ª série ao terceiro normal, tendo sido paraninfo das normalistas de 1965. De 1966 a 1972, lecionei Administração nos cursos de Serviço Social e Comunicação da PUC.

**Você militou com o Vinícius Caldeira Brant?**

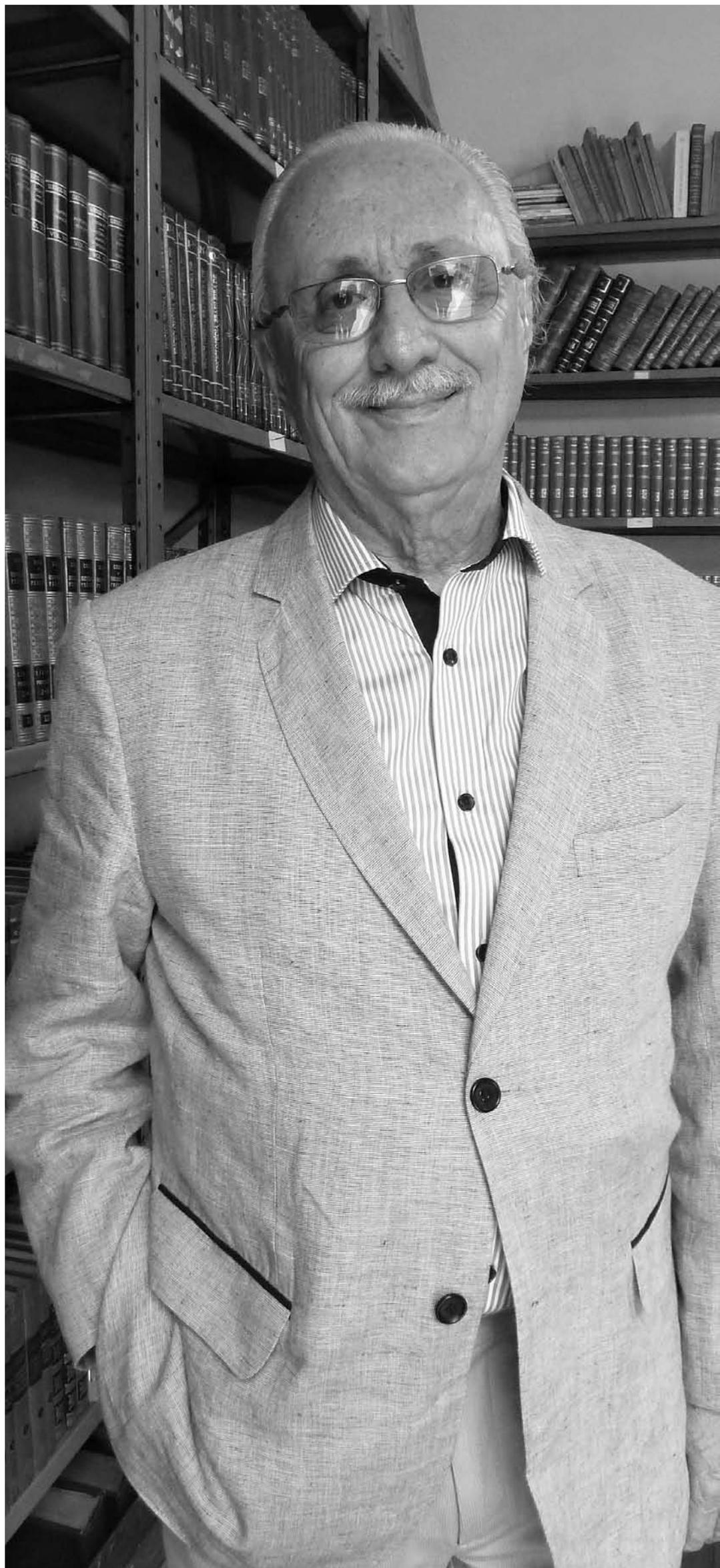
Éramos colegas de sala no Estadual, num tempo de muita efervescência. Eu militava na Juventude Estudantil Católica, no Estadual. E meu primeiro trabalho, na verdade, foi no PDC (Partido Democrático Cristão), por uma circunstância: a esposa do Paulo Baetani, que era a Iná, presidente do partido, era colega da minha prima no IAPI. Ele me arrumou o lugar numa eleição, e como eu militava em comício estudantil, acabei virando presidente da Juventude Democrática Cristã. Depois entrei no Diretório Municipal, no Diretório Estadual do PDC... Naquele tempo tinha uma radicalização, um pessoal muito à direita claramente, mais conservador, e você tinha um pessoal mais à esquerda. O PDC era uma proposta da democracia com alguma experiência no Chile, na Venezuela, na Itália.

**Nos anos 1980 você lançou um livro que fez muito sucesso, *Casos de Minas*.**

Foi um absurdo aquilo, esgotou em 3 meses!

**Como começa essa sua história com a contação de casos mineiros?**

A única coisa que eu sabia que queria fazer na vida era escrever. É como se eu tivesse sempre de olho, esperando a hora. Mas não sabia como começar, e fui indo assim. O meu projeto era ambicioso, era escrever um grande romance sobre a história da minha família, que é uma coisa muito fascinante. Todo mundo deve achar que a história da sua família



é fascinante (risos), mas a minha é mesmo. Só para você ter uma ideia, meu avô Romano, o padre Daniel Romano, roubou minha avó do marido dela, que era tio dela e 40 anos mais velho. E tiveram quatro filhos.

#### **Roubou de onde?**

Roubou na casa do marido! Eles moravam num lugar chamado Tombadouro, perto de Passatempo, de Carmópolis, por ali, na zona rural. E aí começou. Minha avó, quando viu que as coisas estavam complicadas na vida dos filhos, juntou um dinheirinho, pagou o curso normal da minha tia mais velha e pediu que ela encaminhasse os irmãos. Isso é um negócio fantástico: quando eu me vejo aqui nesse lugar hoje, faço todas as reverências à minha avó. Porque meu pai sempre dizia que, se não fosse essa atitude dela, a gente estaria capinando arroz lá na Lagoa Grande.

#### **E como seguiu sua vida em Belo Horizonte?**

Quando eu estava para fazer 40 anos, em julho de 1978, fui parar num curso nos EUA. Trabalhava na Secretaria da Educação e veio um cara que bolou um modelo de relacionamento que consistia em você escutar a pessoa e dizer a ela que você estava entendendo o que ela dizia, estabelecendo um diálogo produtivo, o que levaria a uma mudança das pessoas, a uma compreensão de onde é que a pessoa está. Era o modelo aplicado em educação. Esse método foi aplicado em escolas de Belo Horizonte. Fiquei tão entusiasmado com o relato disso que, quando acabou a reunião, me convidaram para fazer um seminário nos EUA. Fiquei um mês fora e um mergulho enorme no meu trabalho. E comecei a pensar na minha vida, de onde é que eu vim, onde é que eu estava, para onde que eu ia, essas coisas... E pensei: pô, já fiz um monte de coisas, tinha feito mestrado em Administração até, mas ainda não tinha feito nada pela minha alma de escritor.

#### **Então você ainda não tinha entrado na literatura...**

Ainda não. E como a vida começa aos 40, decidi entrar nessa. E pensei o seguinte: como eu ia escrever o meu grande romance se não tinha escrito nada ainda? Guimarães Rosa não começou com o *Grande Sertão: Veredas*, né? Ele fez antes o *Corpo de Baile* e outros. O Gabriel García Márquez, cuja obra eu tinha lido inteira, começou lá atrás, fazendo roteiro e outras coisas. Eu queria escrever sobre Minas, especialmente a Minas rural, e me dei conta de que as pessoas iam morrer nas regiões rurais levando suas histórias com elas, deixando os jovens sem mais contação de casos. Tive essa noção meio salvadora de resgatar a memória rural. Comecei a escrever casos mineiros e passei a ter uma disciplina que eu não tinha ainda. Escrevia meia hora todo dia. Trabalhava demais, era uma loucura, mais arrumei horário. O primeiro texto, o melhor que eu tinha naquela época, deu oito linhas; o segundo deu 12, o terceiro deu 20, no final de um ano eu tinha uma pasta bem grossa. O Geraldo Magalhães, que editava o caderno de cultura do *Estado de Minas*, me convidou a publicar lá, e fiquei por oito anos escrevendo no caderno. Abriu essa outra coisa, de escrever casos no jornal, então o pessoal me chamava para falar do

avô, da tia, do vizinho... Publiquei quatro livros de casos desde então. Participei também de um programa de TV, o *Arrumação*, no qual a gente conversava sobre casos mineiros. Fiquei lá uns três, quatro anos, e até hoje tem gente que assiste as reprises e comenta, é algo muito bonito, está no coração das pessoas.

#### **Voltando à biblioteca: você foi da presidência da Sabe (Associação de Amigos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa), certo?**

Fui, sim, muito rapidamente. A gente fazia uma reunião por semana, foi muito bom. Nossa principal atribuição era arrumar dinheiro (risos). Arrumar dinheiro para comprar as coisas para a biblioteca. Tinha uma discussão enorme e também ideias sobre fazer projetos e captar recursos. Na minha época era mais emergencial, o Estado não tinha condições de acudir a biblioteca, mas depois foram sendo feitos projetos e a coisa se controlou melhor. A Sociedade dos Amigos da Biblioteca ainda foi proponente de projetos na lei de incentivo. Então era para dar suporte ao que precisava e estava sem recursos.

#### **O grupo foi fundado em 1994.**

Pois é, acho que eu estive lá em 1998 ou 1999, por aí.

#### **Você acredita que bibliotecas públicas, hoje, conseguem cumprir essa função de fornecer livros e conhecimento à população ou é algo mais ligado a outros tempos? Porque hoje a questão dos acervos é muito complicada, adquirir e manter exige trabalho.**

Olha, existem coisas complicadas de recursos, de atualização, de compras... Eu não sei agora, mas livro era material permanente, então sempre existiu um processo complicado de aquisição. Já sobre o conceito, não acho que o livro esteja ameaçado de alguma coisa hoje em dia. Mas os jovens buscam também outras coisas, outras mídias, e cada vez mais tem opções disponíveis. Por isso acho que a biblioteca no Brasil passa também por uma necessidade de atualização tecnológica. De qualquer forma, continuo crendo que o livro permanece. Quando apareceu a televisão, diziam que o cinema e o teatro iam acabar. Quando apareceu o vídeo, também foi assim meio apocalíptico. Penso é que tudo se comunica, se expande. A porta de entrada para a escrita ou a leitura é difícil de saber agora, mas acho que vale abrir qualquer uma, desde que se escreva e se leia.

#### **Como fica a internet nesse contexto?**

Vou te dar um exemplo assim, uma coisa pequena. Você pega o programa *Prosa Arrumada*, que é uma prosa da roça, um serão, apresentado na TV e depois pode ser encontrado na internet e compartilhado. Circula amplamente desse jeito. Um dia um cara me ligou lá da beira do rio São Francisco e falou "ah, eu tenho cinco histórias escritas em versos e eu te vi na televisão, você falou que aprendeu muito com os analfabetos. Eu sou um analfabeto que escreve poesia". Isso é ótimo! Isso surge de uma entrevista que dei num programa da TV Assembleia e o cara viu lá de longe.

**Você continua com a vontade de escrever um romance?**

Ah, vou fazer! Está cada vez mais perto. Comprei um programa incrível de computador, em que você fala e ele escreve. Isso era tudo que eu queria! (risos) Porque hoje eu tenho menos tempo de vida, preciso acelerar as coisas, então vou ditando tudo. Outro dia um amigo meu lançou um livro que eu ajudei a fazer em 30 sessões de gravação. O livro foi ditado, transcrito e lapidado, e eu fiz a lapidação. O neto do autor me disse que eu tinha pegado direitinho o jeito do avô falar, e eu expliquei que não, que era o jeito dele de falar mesmo, por causa da gravação. Ainda não era o programa de computador, na verdade. Contratei uma historiadora especializada em história oral, com quem eu tinha trabalhado na Fundação João Pinheiro. Esse negócio de escrever na unha, a gente tem que repensar, não precisa ser assim. Nós sabemos muito mais falar do que escrever, qualquer pessoa se articula na fala. Quando o cara é capaz de escrever alguma coisa coerente, quantos anos de fala ele já tem?

**Como fica hoje a cultura da biblioteca em tempos tão dispersos?**

Olha, aprendi uma coisa: num nível mais alto, tudo pode cooperar. É possível achar o gancho no qual você digitaliza o livro, faz filmes, peça de teatro... Não consigo imaginar que exista alguma ameaça à biblioteca, porque sempre tem quem leia. O que acho que acontece é que ainda não se assume a biblioteca como uma coisa valiosa. Acho que o problema é do Brasil, da falta de memória por uma valorização efetiva disso tudo. Estamos falando de livro, mas antes do livro tem que olhar as pessoas, o mundo. Se você não presta atenção ao redor, se não tem um observador atento ao que se passa na sua frente, nada acontece.

**Na história da Luiz de Bessa, quem considera muito marcante na sua formação?**

O Eduardo Frieiro e a Laís Corrêa de Araújo tiveram participações importantes não só institucionalmente. O Frieiro, até mais importante, foi um grande escritor. Da Laís eu gostava muito, convivi com ela casualmente. São privilégios que tive na vida, e foram muitos. Inclusive cada vez mais eu admiro o Frieiro. Se você olhar até uma cadernetinha do Frieiro, você vê os gastos dele, anotava tudo. E com duras penas ele foi formando sua biblioteca. Era um cara de poucos recursos, mas com uma determinação enorme. Uma pessoa que teve pouca oportunidade de estudar, e olha o que multiplicou, o que ele conseguiu, o que ele acumulou de conhecimento... É admirável ver pessoas que saíram de um determinado lugar e fizeram alguma coisa excepcional e exemplar.

**Teve contato com ele?**

Não, não o conheci.

**Algo que sempre chamou atenção em Minas desde os anos 70 e que reflete o Brasil é a gente ter gradativamente perdido uma relação mais profunda com as letras, com a cultura, e isso pode ser visto em alguns aspectos da política.**

É, não tem nenhum compromisso, nenhuma relação. O que move as pessoas hoje é muito louco, né? Atrás do quê as pessoas andam? Tenho

pensado muito nisso tudo. A capacidade de escutar, a capacidade de interagir, está se perdendo. Tem um texto do Rubem Alves, chamado “Escutatória”, que fala disso, sobre a coisa de uma tribo que se reúne, e quando alguém vai falar todo mundo escuta no mais absoluto silêncio, porque o locutor tira algo de dentro dele e coloca pras pessoas que estão ali. Quer dizer, é uma coisa respeitosa. Hoje me impressiona muito, sou meio chato pra isso. Como é que você vai conversar com uma pessoa se, na maioria dos casos, ela te responde antes de te ouvir? Ela conversa com ela mesma, né? Está monologando e te respondendo, é muito impressionante isso. É uma coisa do ajuntamento das grandes cidades, da tecnologia, da relação com as máquinas e tudo mais, eu acho. Você pensar que o serão era uma forma de convivência das famílias mineiras antigas, não só do interior. Hoje você vai num restaurante, chega lá, tem uma senhora com o filho jovem, a senhora está sentada aqui e o menino ali, e o tempo todo de cabeça baixa mexendo em algum aparelhinho. E às vezes numa mesa com jovens está todo mundo interagindo fora dali. Dia desses ouvi que essas máquinas aproximam quem está longe e afasta quem está perto. Isso me intriga, sei lá, me preocupa.

**Você não é otimista em relação a isso? Considerando seu interesse nos “causos”, acredita que as pessoas estão desprendendo a conversar?**

Isso que nós estamos fazendo aqui é uma coisa raríssima de acontecer. Porque em geral, quando você fala com alguém, a outra pessoa está olhando pra aqui, pra ali, pra cá, tá fazendo gesto de impaciência o tempo todo, sem disponibilidade... Criticam crianças e jovens que não leem, e aí você se pergunta: o pai lê? A mãe lê? Você visita algumas casas e cada um tem um aparelho de TV no quarto, ou seu próprio notebook. Claro que é maravilhoso esse contato infinito com todo canto do mundo, mas tem suas consequências. A gente está falando de uma síndrome de abstinência. O vício nessa interação existe, a pessoa não aguenta ficar sem essa conexão. Eu mesmo me assusto comigo, tenho mensagens na minha caixa de entrada de 2003! Não sei por que guardar isso, mas fica aquela sensação de que tem ficar ali, algo te mantém preso.

**Talvez seja uma memória que a gente tenta preservar, já que o mundo virtual é tão frágil.**

É, mas fazendo um gancho meio maluco, lembro que na minha família existiam cartas, fotos, documentos, tudo isso queimou num incêndio, acabou. E era físico, era frágil também.

JOÃO POMBO BARILE  
MARCELO MIRANDA

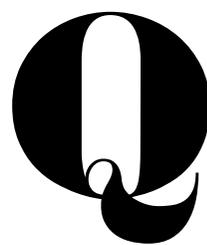
são jornalistas e coordenadores do *Suplemento Literário de Minas Gerais*.

SIBEXA  
GERNA  
BRIA

MINHA  
BIBLIOTECA

JACYNTHO LINS BRANDÃO

---



Quando o *Suplemento* me pede este texto sobre (“texto bem pessoal, onde o senhor conte um pouco da sua relação com”) a Biblioteca Pública, que completa 60 anos, meu primeiro movimento é pensar (do alto de meus 61) como por pouco não temos a mesma idade. É provável que seja um explicável desejo tê-la igual que me leva de imediato a dar um jeito nesse por pouco (um ano e meio), raciocinando que, afinal, aportando minha família em Belo Horizonte justamente em 54, então a coalescência é total: faz 60 anos que ambos, a Biblioteca e eu, estamos aqui fincados.

Esse exercício numérico é de agora. Quando ela, a Biblioteca, completou outras décadas, nunca nelas reparei: ela com 10, eu com 11, sem ainda conhecê-la; ela com 20 30 40, eu um passo apenas à frente; escrevi um capítulo do livro que comemorava seus 50, sem atinar nos meus 51. O que há de diferente agora, pelo menos para mim, é a idade em que nos mandam para a fila de atendimento prioritário (nem sempre mais rápido) e as moças se levantam nos ônibus para oferecer o lugar (sempre um susto para quem aprendeu que o cavalheiro é que cede seu lugar às damas). Então, sermos sexagenários, a Biblioteca e eu, deve ser o que enfatiza essa nossa boa convergência.

Um pouco da relação com... Ela tinha 12-13 anos quando entrei tímido no belo prédio para fazer a carteira de leitor. Dos primeiros (senão o primeiro) empréstimo, *Les vacances de Monsieur sei-lá-o-quê*, tomado como desafio de ser meu primeiro livro em francês (que eu estudava no colégio). Em seguida, a convivência das idas semanais para o devolve-pegar, de achado em achado. Um marco: iniciar, com orgulho adolescente (ninguém me filmou?), *Os irmãos Karamazov* sob as palmeiras da Liberdade. E assim por diante.

Ela com 15-16 anos, veio-me a descoberta do segundo andar, onde ficavam os livros que não se emprestavam e era preciso (que sorte!) ler no próprio local. Foi ali que Eduardo Frieiro pusera a coleção patrimonial, mais que uma simples seção de referência, um acervo pensado como aquilo que deveria ser preservado para as gerações futuras. Meio que uma perdição. Tanto que acabei levando uma bronca de minha mãe por desaparecer depois das aulas da manhã ficando encafuado na Biblioteca pela tarde afora (mal sabia ela que era lá também que mesmo nas manhãs eu muitas vezes matava aula).

Para nós dois, entre os 20 e os 40 anos, instalou-se uma verdadeira era das infidelidades. Confesso que fui atraído por rivais (a principal delas a biblioteca da FAFICH, na Rua Carangola, onde estudava e depois comecei a vida de professor). De sua parte, ela mudou até de nome (passando a chamar-se, estranhamente, Centro de Educação Permanente), mudando também muitas coisas de lugar. Na minha frequência então bissexta, não encontrava mais o que buscava, sobretudo o que sabia estar no segundo andar meio que tolhido ao leitor comum e um tanto amontoado.

Foi preciso que ela chegasse quase aos 50 para nosso reencontro. Numa manhã, pelas mãos de Maria Augusta Cesarino e Maria Helena Sá Barreto fui conduzido àquele segundo andar onde estavam as estantes das minhas tardes de estudante. Apresentaram-me elas um desafio: recuperar a coleção patrimonial de Eduardo Frieiro, no duplo sentido: tanto redescobrir o que era a própria coleção, quanto escolher o que a constituiria na nova década. De novo manhãs e tardes examinando cada um dos perto de 60 mil livros que esperavam pela seleção, abrindo cada um, aquilatando seu valor material e sua importância para a história intelectual de Belo Horizonte.

Justiça seja feita: nada se tinha perdido. O que décadas antes eu havia compulsado lá estava, tudo em geral bem conservado. As lombadas maltratadas pela luminosidade, mas os volumes incólumes. Edições

raras, primeiras edições, tiragens reduzidas, coleções acumuladas nos primeiros 20 anos. Principalmente volumes que pertenceram a Carlos Drummond de Andrade, Guilhermino César, Lúcia Machado de Almeida, Eduardo Frieiro (para falar de poucos), muitos dedicados por intelectuais e escritores a outros intelectuais e escritores. Baste um exemplo: belo exemplar do *Romancero gitano* de García Lorca, em que Manuel Bandeira apusera dedicatória a Pedro Nava, que por sua vez dedicara o volume ao professor João Gomes Teixeira, de que a Biblioteca adquirira o acervo nos anos 80. Em resumo: uma coleção cujo valor está não só em si, mas também no que preserva daqueles que (o que mais importa) tiveram os livros em suas mãos.

A partir da intimidade etária que me permite falar à nossa Biblioteca de igual para igual, resta dizer algo sobre os seus 60 anos e o que vem pela frente. Não me lembro de nada melhor que esta de Pedro Nava: quando completou ele seus 80, num almoço em sua homenagem oferecido por amigos, uma repórter de TV interrogou-o sobre como era fazer 80 anos. Ele: é horrível, eu daria tudo para estar fazendo 20. Ela: mas e a experiência, não conta? A resposta precisa: experiência é como um carro, de noite, numa estrada escura, com o farol aceso para trás. Nada mais sensato: o que a idade dá a saber é apenas como se poderia ter feito diferentemente o que se fez.

Se, como escreveu Laís Corrêa de Araújo, quando a Biblioteca completava 30 anos, “a história desta Casa não é tranquila e de linear horizontalidade, mas ao contrário, de impulsão e propulsão contra obstáculos os mais complexos, desde as naturais deficiências financeiras às tentativas de seu ocultamento ou marginalização”, o que se pode concluir sobre o passado é que a nossa Biblioteca Pública apresenta uma bela história, mercê da dedicação dos bibliotecários e de todas as pessoas que souberam fazê-la manter-se fiel ao princípio (expresso no projeto de criação) de exercer uma “função cultural altamente democrática”. Mais importante, todavia, que o percurso até aqui, é ter certeza de que os velhos desafios permanecem (a construção dos outros 3 andares previstos no projeto original de Niemeyer, por exemplo), enquanto outros se apresentarão (como ingressar na era digital, que redefine de forma crucial o papel das bibliotecas?).

Confesso que sou platônico em bastantes coisas (não em tudo) – e um dos ensinamentos do velho filósofo que mais aprecio é que “o princípio é o mais importante em tudo”. Daí a importância de que a Biblioteca Pública se tenha mantido fiel a seu princípio. Mas mais importante ainda é que tenha estado assim tão presente na minha, quer dizer, na nossa formação como leitores.

JACYNTHO LINS BRANDÃO

mineiro de Rio Espera, é licenciado em Letras pela UFMG, professor de Língua e Literatura Grega, romancista e dramaturgo.

# EM LOUVOR À BIBLIOTECA

## DEPOIMENTOS

Falar dos 60 anos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa é mencionar toda uma trajetória de muito trabalho e dedicação, marcada por inúmeras conquistas. Muito orgulha à Secretaria de Estado de Cultura poder afirmar que a Biblioteca se consolida como espaço de referência nas políticas públicas de incentivo à leitura, de democratização do acesso à cultura e de acessibilidade.

Além de ser um local para receber leitores de todas as idades e classes sociais, a Luiz de Bessa ainda é sinônimo de promoção da cultura e formação e acessibilidade a todos os tipos de público. É prática indissociável da Biblioteca o preparo de ações de diversas naturezas que atraíam um público diversificado, aproximando-o do universo das letras.

### ELIANE PARREIRAS

Existem experiências que parecem únicas na nossa vida. Se acontecem duas, nos sentimos privilegiados.

Foi assim que me senti, quando me tornei leitora, pela segunda vez, do Caminhão-Biblioteca Luiz de Bessa.

No início da década de 1980, eu era uma adolescente, recém-chegada do interior [em Belo Horizonte]. Foi quando conheci o caminhão e pude exercitar o meu gosto pela leitura. Nossa família era muito humilde e mal conseguia comprar os livros escolares. Outro tipo de livro estava fora da minha realidade.

O caminhão ficava no Bairro São Paulo e eu andava uma distância considerável, mas não me importava.

Através da leitura viajei o mundo, conheci outros povos e costumes, sonhei com os príncipes e cavaleiros medievais. Mas chegou o tempo em que o caminhão foi pra outro lugar e perdi o contato.

Depois de 30 anos, tive a felicidade de reencontrá-lo no bairro onde moro [Capitão Eduardo], me tornei leitora e não resisti à vontade de ler os mesmo livros da minha adolescência. Daí surgiu, então, a ideia de montar uma biblioteca na comunidade. Foi assim que nasceu a Biblioteca Comunitária Casa de Sofia. Hoje tenho o prazer de emprestar livros para os moradores do meu bairro. Foi um reencontro feliz e produtivo.

Parabéns a B.E. Luiz de Bessa por enriquecer a vida de tantas pessoas nestes 60 anos.

### MIRYAM COLEN

Trabalhar na BPELB faz toda diferença na minha vida, estes anos que tenho passado aqui, conhecido pessoas, podendo ajudar os clientes que nos trazem suas demandas, às vezes as mais inesperadas possíveis, e poder ajudá-los, me faz ver o quão é valioso o trabalho do bibliotecário.

Nós não esperamos honrarias, nem sucessos, e nossos nomes escritos em placa alguma. Nós ajudamos pessoas!

Ser bibliotecária para mim é um sacerdócio que procuro exercer com a devoção de um monge, às vezes encantada com a beleza daquilo pelo qual estou cercada, os livros. Já me peguei chorando de emoção quando li uma passagem que parecia ter sido escrita para mim. O que desejo mesmo é que todos possam ter por esta Biblioteca o carinho que ela merece, pois assim como ela faz diferença para mim, creio que já fez e fará para muitos outros que passarem por aqui.

ELIANI GLADYR DA SILVA

Em meados da década de 1980, quando me transferi para Belo Horizonte, conheci a Biblioteca Estadual Luiz de Bessa. O corte sinuoso de sua fachada me chamara a atenção e todo seu acervo concentrado lá dentro (o anexo ainda não existia) me despertara muita curiosidade. Mas a biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG competia com a Luiz de Bessa e, por muito tempo, esta ficou em segundo plano.

A partir de 2003, passei a frequentar sistematicamente a hemeroteca originária do Arquivo Público Mineiro, já sob a coordenação da Biblioteca Luiz de Bessa, para reunir material que viria a desembocar em meu livro *Paraíso das Maravilhas: Uma História do Crime do Parque* (2008). O contato contínuo, ao longo de todo um dia da semana, mês a mês, ano a ano, inicialmente no bairro Floresta, depois no Sion, e por fim no 3º andar da Luiz de Bessa, me fez dedicar uma atenção especial a esse equipamento urbano.

Mantenho até hoje o contato semanal com a hemeroteca. Considero-me seu leitor fiel para dar continuidade à produção de minhas próximas publicações. Reconheço seu papel de reservatório da memória de Belo Horizonte e, principalmente, seu papel de ativadora da imaginação (re)criadora. É com prazer que comemoro seus 60 anos e que agradeço seu vinco na minha formação.

LUIZ MORANDO

Há algo de imponderável em toda biblioteca. Algo que não dá para explicar, ainda que seja tão sentido. Quem as frequenta sabe do que estou falando – ainda que provavelmente sinta a mesma dificuldade para traduzir em palavras o que sente.

Ao caminhar entre as prateleiras e seus incontáveis livros, somos levados a *senti-los*: somos, de alguma forma, *tocados* pelo imensurável conteúdo que ali se encerra. Ao passar algumas horas num espaço assim, nossa alma se alinha ao *espírito* do lugar, à *essência* dos livros. E então a gente os *sente*. Quem

frequenta um lugar como a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa sabe do que estou falando.

A Luiz de Bessa, especialmente, marcou a minha formação. Na adolescência, ela e outras bibliotecas menores de Belo Horizonte foram para mim uma espécie de refúgio: refúgio das aulas que na escola não me persuadiam; refúgio para o adolescente que, como de praxe na adolescência, sentia-se incapaz de participar funcionalmente do mundo. Penso, em face dessa experiência pessoal, que a biblioteca talvez seja um dos últimos espaços do mundo em que ainda faz sentido o ensimesmamento, a introspecção – que é uma forma de perceber-se a si na existência própria; de entrar em contato consigo em um tempo que estimula a ausência de si. A biblioteca, nisso, faz-se refúgio para a concentração em um mundo que se perde em sua própria dispersão. Nisso a biblioteca é alma e, ao mesmo tempo, coração.

Em novembro do ano passado, voltei à Luiz de Bessa para participar do projeto Aula na Biblioteca. Falei sobre o tema “Fernando Sabino, uma paixão”, em uma apresentação da pesquisa que estou finalizando sobre o autor na UFMG. Sabino estava sentado como um arconte à porta da biblioteca, quando cheguei. Viu-me entrar, mas manteve-se imóvel. Livro à mão, o autor de *O Encontro Marcado* voltou seu olhar de bronze para mim, sem que para isso tenha precisado mover um músculo. E “Bem-vindo de volta”, fez-me sentir em seu olhar.

Penso que, assim como eu tive, todo belo-horizontino tem o seu (re)encontro marcado com a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (ainda que disso muitos de nós ainda não saibamos). Tal encontro mantém-se vivo em seu íntimo, animando-o, reavivando nele o compromisso, que é sentido em sua própria alma, sentido em seu próprio espírito, sem que ele saiba exatamente o que é isso que sente. Compromisso sentido em seu coração.

Um povo sem uma significativa biblioteca é um povo desprendido de seu espírito. Uma cidade sem biblioteca é uma cidade sem alma. E o coração de uma cidade é a sua biblioteca.

A Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa é o coração de Belo Horizonte. Nos dias de hoje, e especialmente nesta capital, faz-se premente a reflexão sobre o caráter público da cidade e seus espaços. Nesse sentido, é mais que urgente que a cidade faça uma inflexão de volta ao seu coração. Sabino aguarda à porta.

#### **EWERTON MARTINS RIBEIRO**

Minas Gerais tem mais de três séculos de história; mantém e constrói uma das culturas mais ricas e plurais, e é referência mundial. Há um esforço muito grande em nosso Estado para preservar e difundir essa cultura, que é orgulho de cada mineiro.

A vocês leitores, tenho o prazer de dizer que nasci nesse berço e, aos 10 anos de idade, já tinha viajado por quase toda Minas Gerais. Entre uma cidade e outro eu sempre me surpreendia com os monumentos e a história que eu vivia em cada uma delas. Ainda na infância, meus queridos pais me levavam na Praça da Liberdade, lugar que tem magia ímpar. Aos 14 anos, de lá do alto do coreto da praça, eu vim um lindo e imponente prédio branco com linhas sinuosas e quis conhecê-lo. Então parei naquela porta pela primeira vez e indaguei: posso ler um livro aqui? O servido público naquela ocasião sorriu para mim e disse: - pode entrar, a biblioteca também é sua!

Por longos e dedicados anos aos estudos, minha aliada era também a “Biblioteca da Praça da Liberdade”, nome apelidado carinhosamente por muitos. E então veio a época de trabalhar.

Minha carreira profissional quase sempre ficou dentro da esfera da cultura e, de vários degraus já subidos, lembrei-me da frase do político e filósofo francês Michel Montaigne: “A mais honrosa das ocupações é servir o público e ser útil ao maior número de pessoas.” Queria eu contar ao Michel que a frase dele foi meu incentivo e rumo profissional.

O serviço público, a princípio, parece algo incansável, destinado a poucos, mas se você se dedicar, nada é impossível. O nadador recordista mundial Michael Phelps treinou todos os dias no ano anterior a Olimpíada de Pequim, em 2008, em que ganhou quase tudo, só não treinou o dia que a piscina estava congelada (isso mesmo, água solidificada); este é o espírito que tem que dominar. Como em qualquer outro trabalho, depende do quanto a pessoa gosta do que faz.

Hoje, é com grande satisfação que faço parte da equipe administrativa da BPELB. Esta que é integrada no maior circuito cultural de todo o Brasil, com seu mesmo imponente prédio branco com linhas sinuosas e prédio Anexo, que nesses longos 60 anos de existência abriga a história de muitos, com livros, espaços, para artistas exporem seus trabalhos, e que preserva e difunde a cultura mineira cada vez mais, de portas abertas.

#### **IVAN PEDRO FILHO**

Já escrevi por aí que nunca tive um “professor inesquecível” e que tudo que sei e gosto vieram dos livros. Por muitos anos li sem método e propósito, em pleno caos, o que caísse em minhas mãos. Foi dentro da Biblioteca Pública Luiz de Bessa, no seu acolhedor silêncio, que criei uma estrutura, uma ordem, um juízo e uma memória em minhas leituras. Foi ali que minha alma ganhou movimento, e meu pensamento, a sua forma visível.

#### **MIGUEL GONTIJO**

Inesquecível foi o dia em que o Dr. José Alcino Bicalho levou duas caixas de livros mofados para a Biblioteca Pública Luiz de Bessa em 2002. Não eram quaisquer livros, eram parte da sua coleção de obras raras que já estava extraviado há muito e ele nem sabia se ainda existia. Em 2001 ele havia doado a sua coleção à Biblioteca Luiz de Bessa com apoio da USIMINAS. Tive o prazer de trabalhar na conservação dessa coleção juntamente com Blanche Matos e Dulcilene Barbosa. No ano seguinte, o colecionador chegou à Biblioteca com essas duas caixas que, segundo seu relato, estavam perdidas em um depósito de móveis. O responsável por este depósito havia encontrado os pacotes com o seu nome e telefonado ao Dr. Alcino, dizendo: “Há aqui duas caixas suas cheias de livros velhos. O que o senhor quer que eu faça com isso?”. Dr. José Alcino pegou seus pacotes de “coisas velhas” e os levou diretamente à Biblioteca: “Achei estes livros que eram da minha coleção. É um presente para vocês”. O que estava nestas duas caixas completava o acervo que já havia sido doado com os volumes faltantes de importantes projetos editoriais. Assim, os 198 títulos com 328 volumes, que começaram a ser adquiridos na década de 1950, foram novamente reunidos.

Os livros estavam em péssimo estado de conservação, como era de se esperar após tantas décadas perdidos em um depósito. Sujidade intensa, podridão do couro das encadernações e uma quantidade inacreditável de microrganismos estavam deteriorando livros dos séculos XVII, XVIII e XIX. Fui chamada à Biblioteca para fazer o tratamento de conservação e, novamente com Dulcilene Barbosa, trouxemos os livros “à vida” novamente. Uso esta expressão porque um livro sem leitores não tem razão de ser. Poucas foram as obras que não puderam ser recuperadas naquele ano e esperam ainda por tratamento de restauração.

A coleção integral encontra-se armazenada em uma estante com portas de vidro e atualmente recebe o nome de seu antigo colecionador. Admirar esta estante cheia de livros bem conservados é um grande orgulho e um prazer, porque eu testemunhei sua transformação física e tive um papel ativo na sua preservação. Hoje, anualmente eu levo os meus alunos das disciplinas Conservação de Papel e Iconografia Religiosa do curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais da UFMG para aprenderem um pouco mais sobre degradação e preservação de livros, história da impressão e das gravuras, políticas públicas e, sobretudo, para também amarem estas obras raras. E só para ser precisa com a História, eu não estava lá no dia em que as duas caixas de livros chegaram, mas posso imaginar claramente a emoção sentida no momento de abri-las e descobrir o que lá estava. Foi um ato de generosidade e de carinho pelos livros por parte do Dr. José Alcino Bicalho, pois ele sabia que lá, na Biblioteca Luiz de Bessa, eles estariam juntos, bem cuidados e disponíveis para serem lidos, como todo livro deve ser.

#### MÁRCIA ALMADA

Eu tinha uns treze anos. Frequentava a Luiz de Bessa, minha segunda casa, lia todos os romances de ficção científica do acervo, até que lá encontrei *O Encontro Marcado*, do Fernando Sabino. Gostei tanto que nunca devolvi o romance. O gesto me incomodou durante anos, sobretudo depois que o emprestei e jamais voltou. Em 2008, resolvi doar minha biblioteca. Mande-i-a para o meu antigo ninho de leitura, na Praça da Liberdade. Foram duas kombis abarrotadas de livros, muitos autografados, outros raros. No meio, um exemplar novinho de *O Encontro Marcado*. Foi minha maneira de retribuir a alegria e o prazer que a Luiz de Bessa me proporcionou durante a adolescência.

#### LUIZ GIFFONI

Quando criança, todas as vezes que passava em frente da Biblioteca à noite, tinha a fantasia de que, depois de fechadas as portas, os personagens ganhavam vida e saíam dos livros para uma grande festa que durava toda a noite. Isso, com certeza, inspirado pelo universo de Monteiro Lobato. Ainda hoje, quando passo por lá, escuto as vozes e risadas de Diadorins, Riobaldos, Viscondes de Sabugosa, Capitus...

#### RONALDO FRAGA

A Biblioteca tem um lugar muito especial na minha memória. Era frequentadora juvenil, como uma leitora ávida, principalmente dos livros da Coleção A Inspetora e outros tantos da linha infantojuvenil e continuei sendo posteriormente, não só de obras e de autores, mas também como leitora de outras fontes para formação profissional e enquanto pesquisadora. Uma palavra que sintetiza bem a biblioteca para mim é justamente a palavra encontro: lugar de cultura, de satisfação de prazer, de convívio. Tive a oportunidade de me tornar palestrante e, assim, surgiram novos encontros, e estes se desdobraram em outros tantos encontros na biblioteca e pela vida.

**JULIA CALVO**

Até a adolescência, minha experiência com a literatura na Luiz de Bessa foi marcada por curiosidade e momentos felizes. No acervo de memória da Literatura Infantil, já adulta, pude relembra r vários desses momentos, como se fosse um cantinho mágico, onde passado e presente se encontram numa pausa na realidade que abre espaço para um universo de fantasia e imaginação.

**JULIANA VALÉRIA DE ABREU**

A minha relação com o espaço da Biblioteca Pública sempre foi amistosa e necessária. Como todos da minha geração, essa casa representava para mim as condições que precisávamos para complementar os estudos e estender nossas possibilidades e perspectivas de futuro. Quase todos os dias após as aulas no Instituto de Educação passava na Biblioteca movida pelo lema: conhecimento nunca é demais. Estudei, me formei, trabalhei, casei, tive filhos e continuei tendo contato com a Biblioteca, como boa leitora que sou.

Mas em 2007 houve um encontro diferente e a grande amizade foi se transformando em amor. Vim trabalhar na Biblioteca trazendo em minha bagagem muita ansiedade e alegria, pois em toda a minha trajetória profissional nunca tinha me dedicado a essa tipologia de Biblioteca. Aqui estou ainda descobrindo a cada dia o quanto é gratificante o trabalho de um servidor, o quanto me faz bem atender pessoas com as mais diversas necessidades informacionais, realizar atividades culturais para todos sem distinção. Trabalho com a pretensão de desabrochar naqueles que visitam a biblioteca o gosto pela leitura, nossa boa e velha companheira.

Aqui me proponho a fazer o impossível para que o leitor saia bem atendido. Aqui me doo um pouco para aquele que vem buscar informação, cultura, conhecimento ou apenas uma acolhida carinhosa. Aqui, sem nenhuma dúvida, aprendo a cada dia convivendo com os leitores, colegas e amigos queridos a ser melhor um pouquinho do que fui ontem. Hoje estamos, a Biblioteca e eu, em uma fase madura de amor, duradouro, cheio de cumplicidade e tranqüilo com perspectivas de um final bastante feliz!

**ALESSANDRA SORAYA GINO LIMA**

Lembro com entusiasmo a primeira vez que entrei em uma biblioteca, tinha 11 anos, fiquei tão encantado que a elegi como o melhor espaço do Instituto de

Educação da minha cidade. Tornei-me bibliotecário voluntário e nunca mais me distanciei dos livros. Continuo achando que a biblioteca é o melhor lugar para ir. Há sessenta anos que a Biblioteca Luiz de Bessa é o melhor lugar de Belo Horizonte.

#### ZULMAR WERNKE

Como educador de adolescentes, a biblioteca é um espaço de conscientização cidadã e cultural. É um patrimônio nosso que precisa ser valorizado, pois acredito que a nossa relação com os livros muda quando frequentamos a biblioteca, e a nossa relação com o mundo muda quando nos relacionamos com os livros.

#### JOÃO MARCOS MIRANDA BRASIL

A Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, criada em 1954, é resultado de uma visão modernizadora de Minas Gerais. Excetuando o prédio projetado por Oscar Niemeyer, que se tornou o mais importante arquiteto do mundo, pode-se dizer que o seu interior, o seu espírito é todo moderno. Desculpe o plágio a Sartre, mas a Biblioteca Pública nasceu condenada a ser moderna. No limiar de sua existência, suas atividades não se resumiram à finalidade de formar acervos, acolher leitores e emprestar obras. Administra a melhor e a maior hemoteca regional do Brasil. Encontra-se na Biblioteca pública o mais completo acervo de historiografia municipal, além de manter a Seção Mineiriana com o objetivo de valorizar os autores mineiros. Admirável é a obra publicada pela Biblioteca Pública, em 2008, intitulada *Olhares sobre Minas Gerais: sugestão de leitura*, enaltecendo os fatos históricos e os autores mineiros.

Com a sala de multimeios e com a galeria de artes, a Biblioteca Pública tornou-se um centro de gestão cultural. Por tais excelências tornou-se um moderno centro de interação social, cultural e educacional, servindo de referência a bibliotecas similares de outros estados do Brasil.

#### ANTÔNIO DE PAIVA MOURA

Acredito que foi obra do destino trabalhar na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Em toda a minha infância não tive a oportunidade de ter à minha disposição uma biblioteca, somente livros didáticos. Entretanto possuía uma mamãe contadora de histórias e apaixonada pela escola e pelos livros. Esse exemplo foi o bastante para chegar a faculdade e cursar biblioteconomia.

E a partir daí surge o sonho em trabalhar nessa instituição. Foi com grande alarde e surpresa para mim e meus colegas de trabalho que vejo publicado no dia 30 de junho de 2008, no *Minas Gerais*, no último dia de validade do concurso público para esta instituição, minha nomeação para o cargo de bibliotecária. Desde então vivo a serviço dessa utopia.

Agora sou a “biblioteca” da minha casa e principalmente da minha contadora de histórias.

#### ADRIANA MÁRCIA DE DEUS

A Biblioteca Luiz de Bessa é para mim um espaço singular que além de propiciar a todo tipo de público, pesquisas literárias através dos livros, revistas, jornais e internet, é também grande divulgadora de arte e cultura. Já realizei algumas exposições individuais na Galeria Paulo Campos Guimarães com muito sucesso de público e divulgação de mídia. Esse apoio é de fundamental importância para visibilidade da obra e do artista.

#### IARA ABREU

No mar de informações em que navegamos, a biblioteca é o barco que nos conduz ao porto seguro do conhecimento, da arte, da civilização. Transportando instrumentos eficazes de navegação e orientação, comando e tripulação eficientes, chegamos à terra firme – vislumbrada em sonhos e desejos.

Há 60 anos, o navio Luiz de Bessa foi lançado ao mar. Quantas viagens até aqui, quantos passageiros... Numa delas, embarquei ainda adolescente, atravessei muito além dos sete mares – águas calmas e tormentas –, desembarquei adulto.

#### MARCELO XAVIER

Minha afinidade com a Biblioteca iniciou-se em 1972 quando vim do interior para prosseguir meus estudos na capital. Aqui permanecia por horas a fio estudando, fazendo trabalhos escolares e lendo, é claro! Ela como eu, éramos duas adolescentes! Eu cheia de sonhos esperança! Ela já despontava como Centro de Cultura e Saber que acolhia e orientava aos que vinham em busca de conhecimentos.

A sensação de pertencimento a este lugar mágico sempre existiu e eu pensava: um dia quero trabalhar nesta Biblioteca. Em 1990 fiz o concurso que me trouxe para cá, onde posso dizer, tenho vivido momentos que jamais serão esquecidos!

#### MARIA HELENA FERREIRA EVARISTO

Eu comecei a frequentar a Biblioteca Pública por volta de 1990, quando tinha 14 anos. Eu sempre gostei de ler, por isso vinha para a Biblioteca, pois aqui eu encontrava os livros que eu precisava. Aqui é também meu lugar favorito para estudar. Em casa é muito mais difícil, porque a gente concentra menos nos estudos e na leitura. Aqui é um ambiente tranquilo, onde as pessoas estão todas com o objetivo de ler e estudar, o que contribui para o aprendizado. Uma das maiores vantagens da Biblioteca é que aqui a gente encontra várias obras escritas em braille. Com a chegada do computador, o braille está caindo em desuso. Então, não é fácil encontrar livros e outras publicações em braille. Mas, na Biblioteca, a gente encontra. Com os recursos disponíveis na Biblioteca e a ajuda dos voluntários que leem para a gente, eu pude estudar e me formar no curso superior de pedagogia e para vários concursos públicos. Em 2012, fui aprovada no concurso público da Prefeitura Municipal de Contagem para o cargo de Supervisora Pedagógica. Trabalho hoje na Escola Municipal Leonardo Sadra. Atualmente, mesmo já tendo sido aprovada em um concurso, eu continuo vindo à Biblioteca, pelo menos uma vez por semana, para ler e estudar.

#### LUDMILA MENDES DINIZ

Desde criança sou um frequentador assíduo de biblioteca. Na década de 1980, eu recebia o *Suplemento Literário do Minas Gerais* em minha casa no interior de Minas. Este jornal trazia-me o mundo fantástico das artes em seus textos e ilustrações. Já em Belo Horizonte, no final da mesma década, conheci a Biblioteca Estadual, onde eu tinha acesso aos livros e autores que o *Suplemento* divulgava. Além dos livros, a biblioteca nos oferecia a galeria de artes plásticas, o teatro e o setor infantil que nos saciava a imensa busca cultural. Na década de 1990, eu já estava funcionário nesta instituição que me fascinava. Vivenciei os 45 e agora os 60 anos e suas importantes atuações na área cultural de Minas Gerais. Aqui fiz e faço grandes amigos. Aqui cresço. Vida longa e todo o respeito à Biblioteca Estadual de Minas Gerais!

#### EDISON VILELA DE FREITAS

Vou escrever umas palavrinhas sobre uma Biblioteca e o acaso pôs ao meu lado uma revista. O tema de capa é “Os superpoderes da leitura”. Informa o texto que ler ficção cria bons estudantes, melhora a capacidade do relacionamento e ativa os lugares certos do cérebro. Ocorre-me logo a curiosidade do que seria da humanidade se a leitura ativasse os lugares errados do cérebro. Mas valeu para uma provocação positiva: o que significa para mim a leitura? Respondo sem titubear a conclusão de Fernando Pessoa sobre o papel da literatura: entreter, elevar e libertar! Pois a Biblioteca Estadual Luiz de Bessa reúne, preserva e disponibiliza há 60 anos um patrimônio que torna a gente melhor.

#### LINDOLFO PAOLIELLO

Sempre compartilhei do pensamento do nosso ilustríssimo Monteiro Lobato, que “Um país se faz com homens e livros”; acreditando nisso, incentivei meus filhos a criarem desde cedo o hábito de leitura. A nossa única referência na época era a Biblioteca Pública Luiz de Bessa, onde tínhamos carteirinhas e eu sempre vinha ao setor infantil em busca de livros para eles. A minha filha, que hoje está com vinte e quatro anos, leu quase todos os títulos desse paulistano de Taubaté nascido em 18 de abril. Muitas vezes não tínhamos dinheiro para pagar as passagens no dia marcado para devolução, o que nos levava a pagar multa. Contudo, hoje, um tanto emocionada e feliz, afirmo que tudo valeu a pena, pois essa minha filha foi aprovada na primeira tentativa, naquele que foi o último vestibular completo da Universidade Federal de Minas Gerais no ano de 2009. Nos momentos de festejos, lembrei-me da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, o quanto esta “Sábida Senhora”, que está completando 60 anos, contribuiu com esta vitória.

#### MARIA DE FÁTIMA ALVES FERNANDES

A Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, com seus bem realizados projetos, suas fundamentais atividades, interage com diversos ramos da arte, da literatura, da educação e da cultura, revelando-se, por excelência, como espaço de disseminação e troca de saberes. Promove, assim, infinitas mediações transdisciplinares.

Quando jovem, tomei emprestados, na Luiz de Bessa, vários livros de literatura que me abriram vastos horizontes. Frequentava bastante a biblioteca. Ali passei diversas tardes preparando-me para provas, fazendo trabalhos escolares. Sempre via, no ambiente, um senhor mais velho, de óculos, terno simples, que estudava minuciosamente, escrevendo, à mão, longas e intermináveis laudas. Parecia um personagem saído de uma daquelas obras das estantes para contar a sua versão da história. Mais tarde, coordenei um grupo de pesquisa sobre literatura contemporânea, no Anexo Prof. Francisco Iglésias, e fiz palestras sobre Mário de Andrade, Vinicius de Moraes e Guimarães Rosa, no charmoso prédio projetado por Niemeyer. Neste mesmo lugar, tive a honra e a grande alegria de ver montada, pela primeira vez, em 2012, a exposição itinerante *No ritmo da poesia: música e amizade em Mário e Vinicius*, da qual sou o curador.

Ações desenvolvidas pela Luiz de Bessa aguçam a sensibilidade e o raciocínio de seus múltiplos leitores, possibilitando o surgimento de novos olhares estéticos, novas condutas éticas, novos modos de percepção do mundo. Parabéns à biblioteca e a todos os que, de diversas formas, cuidam e usufruem desse imprescindível espaço de sonho e trabalho diário, desse precioso bem de todos os mineiros.

#### RONIERE MENEZES

Gosto de infância que permanece para sempre!

Livros catalogados e arrumados numa estante cinza de ferro.

Um chão encerado e brilhante, um atendente com voz calma.

Falar baixinho nas salas silenciosas, sentir o cheiro dos livros, deslumbrar com cada página virada. Anos que passam... bibliotecas que ficam não só nas lembranças, mas hoje revivendo essas lembranças e sensações, todos os dias quando passo na Praça da Liberdade e lá está a Biblioteca Luiz de Bessa.

Linda, num prédio moderno, com seu atendente na porta, com suas mesas compridas, suas estantes de livros catalogados, pronta para atender a todos que a procuram.

Falar de bibliotecas é falar de um tempo atual, quando você não um livro nas livrarias e, lá naquela estante, seja de ferro ou de madeira, ele está esperando por você.

Essa sensação de afeto pelas bibliotecas e pelos livros enriquece a cada edição que realizo do Salão do Livro do Vale do Aço, e que vem a cada ano ganhando mais leitores que gostam de um bom livro de papel com suas ilustrações.

#### CIBELE TEIXEIRA

Na juventude, frequentei seus salões cheios de livros, jornais e revistas, e constatei o valor de todo aquele tesouro. Algum tempo depois, meu olhar abriu portas e janelas. Era um verão de 1979. Estava trabalhando na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, no Processamento Técnico.

A princípio, examinava tudo, tímida e curiosa como qualquer auxiliar de biblioteca. Longe de contar com o auxílio da tecnologia, eu me emaranhava nas fichas para reparos. Pacientemente, eu as recolhia dos catálogos, levava para corrigir e recolocava nos devidos lugares. Uma espécie de “batismo bibliotecário”, uma prova de que eu me identificaria com as futuras tarefas do ofício. O

gosto foi tanto que me graduei em Ciência da Informação, pela UFMG e, desde então, meu coração se reparte em livros.

Muito além do trabalho diário, fui catalogando amizades sinceras e generosas que a força do tempo não amarelou, não descolou as folhas e nem desbotou as capas... Hoje, juntando as lembranças com a visão do presente, posso ressaltar o papel importante da Luiz de Bessa, que se reflete no amor pela literatura e na minha trajetória profissional.

Configurando-se como um espaço privilegiado para a reflexão, por meio dos inúmeros segmentos de informação, nossa Biblioteca, atuante e contemporânea, se oferece ao público para o aprofundamento da capacidade de análise e crítica, e para possibilitar, principalmente, o prazer da leitura – o simples e grandioso prazer de se encantar com palavras e imagens.

#### **NEUSA SORRENTI**

Os 60 anos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa devem ser comemorados com grande entusiasmo por toda a população, pois trata-se de uma instituição moderna, que desempenha uma das mais nobres e dignas ações em prol do desenvolvimento humano: disponibilizar aos seus visitantes lazer cultural e informações por meio da literatura. Com suas diversas seções e coleções de livros, começando pelo setor de empréstimo domiciliar e pelo de periódicos, passando pela maior e mais importante Coleção Mineiriana do país, pelo Setor de Obras Raras e Patrimoniais, pelo Braille, pela Biblioteca Infantojuvenil, pelas galerias de exposições temporárias, pelo simpático teatro, pelo atendimento às demandas do interior mineiro, a nossa Biblioteca Estadual atende às mais diferentes expectativas de um público formado por pessoas de todas as idades, formação ou classe social. Além disso tudo, ela está estabelecida em um prédio projetado por Niemeyer, que representa um marco da arquitetura modernista da cidade. Localizada no coração de Belo Horizonte, ao lado do Palácio da Liberdade, a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa é uma das instituições que mais traduz e tem compromisso com o sentimento que nomeia a sede do governo mineiro.

#### **ANDRÉA DE MAGALHÃES MATOS**

A biblioteca Luiz de Bessa está presente em minha história pessoal e profissional. Como presidente de uma empresa de tecnologia, posso afirmar que o livro é a maior invenção que o homem pode ter acesso, e, como cidadã, que o livro é fonte de mudanças positivas para o ser humano em qualquer idade ou classe social.

É um orgulho para todos os cidadãos de Belo Horizonte ter este espaço, que se encarrega de disseminar conhecimento e saber com muita competência e dedicação.

#### **ÂNGELA DE ALVARENGA BATISTA BARROS**

Minha história com a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa começou com estágio, quando era estudante de Biblioteconomia. Aqui pude aprender sobre

seleção de livros, assunto pouco discutido na Universidade. Após a formatura, foi na Luiz de Bessa que encontrei ajuda para os desafios do primeiro emprego, já que não podia contar mais com a biblioteca da UFMG. Atuava na área de educação e li muitos livros sobre o assunto. Então, tive a oportunidade de integrar o quadro de servidores desta casa. A Biblioteca Pública Luiz de Bessa representa mais que um local de trabalho. É um espaço dinâmico em que posso desenvolver atividades profissionais instigantes, conhecer e conviver com pessoas interessantes e estar sempre em contato com a literatura, minha grande paixão. Após quase dez anos, ainda me encanto com o prédio e seus habitantes.

#### **CLEIDE APARECIDA FERNANDES**

Em 15/03/1991, comecei a trabalhar na Secretaria de Estado de Cultura, função pública, ex-PROBAM e ex-MinasCaixa. Nova etapa a ser cumprida.

Fui agraciada em poder trabalhar na Fundação Clóvis Salgado e na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Vinte e três anos “Culturais”.

Trabalhei na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa em dois períodos especiais da minha vida, aprendi muito e recebi das Superintendentes Lurdinha Romanelli (Maria de Lourdes Cortes Romanelli – Falecida em 2013) e Maria Augusta da Nóbrega Cesarino, conforto, compreensão e estímulo para crescer. Hoje com 35 anos de serviço público, na porta da aposentadoria, e 23 anos dedicados a Secretaria de Estado de Cultura, com o atendimento de um público diversificado.

Como relatar uma vida: estudei, criei meus filhos, concluí meus estudos, trabalhei, trabalhei e trabalho com pessoas maravilhosas, entre as quais posso citar Consolação (aposentada) e Alessandra Gino (atual Diretora da BPELB), ambas coordenadoras do Setor de Referência e Estudos e que, mais que “chefia”, foram amigas e parceiras.

Agradecer e aguardar novas diretrizes de sucesso para que a Biblioteca Pública Luiz de Bessa possa crescer e levar a cada usuário o sentimento de pertencimento. Pode participar das comemorações dos 60 anos da instituição é maravilhoso, pois desde os 14 anos venho acompanhando o desenvolvimento da “Luiz de Bessa” como usuária e como servidora.

#### **ALBA CARLA DAS DORES SALES**

A Biblioteca Estadual Luiz de Bessa só tem a acrescentar em minha vida, na minha profissão e na vida da comunidade. Na BIJU os pequeninos, mesmo sem saber ler, aprendem e nos ensinam valiosas lições e valores. Por seus corredores, suas estantes, nos deliciamos com o acervo incrível; no Braille aprendemos com as diferenças; nos periódicos, sabemos o que acontece hoje, o que aconteceu ontem, e o que o passado nos deixou. Hoje me sinto orgulhosa contribuir para a formação de novos leitores, quando ali estou contando e lendo histórias, pois sei que em cada história que li plantei uma sementinha e rego-a todos os dias com novas e velhas histórias, e, principalmente, porque a principal sementinha foi plantada em meu filho, para quem lia histórias todas as noites, antes de ele dormir, criando um vínculo eterno entre nós.

#### **SANDRA FRANCO BITTENCOURT**



Aos oito anos de idade, comecei a frequentar o Carro-Biblioteca. Foi minha irmã mais velha quem me levou pela primeira vez.

Fiquei mais motivada a utilizar os serviços do Carro por saber que eu poderia ler muitos livros! Eu amo muito ler.

O Carro é muito importante para mim, porque eu não tenho muito contato com os livros na minha escola. A Biblioteca de lá é pequena. Adoro ler vários tipos de histórias. Não prefiro um gênero específico.

E para o meu bairro, o Carro é importante, porque aqui não tem muitas opções de cultura e lazer. Antes do Carro-Biblioteca, os moradores não procuravam ir a uma biblioteca na cidade e não tinham o hábito de leitura. Hoje, o Carro tem muitos leitores. Criou o hábito de leitura para o bairro.

Os dois melhores livros que eu já li são *Meu Pai Não Mora Mais Aqui*, de Caio Riter, e *A Cabana*, de William Young.

Hoje eu pego livros para mim e para eu ler para os meus dois primos. Um deles tem seis anos de idade e ama histórias de aventura. O outro tem só um ano e gosta de histórias de bichinhos.

Na escola, eu tenho facilidade com o Português e gosto também de Ciências e Geografia. Quando for para a faculdade, pretendo fazer algum curso na área de humanas.

#### LAURA DE CASTRO ROCHA

Na sua trajetória, a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa se destaca como um lugar de memória. Ela marca a vida dos mineiros ao proporcionar bons momentos aliados ao desenvolvimento do conhecimento e da cultura. Além disso, também cumpre seu papel de guardião da memória com uma coleção de livros e periódicos raros e únicos, que são importantes para o registro da história de Minas Gerais do Brasil.

#### PRISCILLA GONTIJO LEITE

Além de ser a maior biblioteca pública do Estado, a Luiz de Bessa é modelo para os 853 municípios desde a sua criação, em 1954. Dinâmica, moderna e viva, ela inspira a todos nós por sua atuação exemplar na preservação do patrimônio bibliográfico e na disseminação da informação e da leitura.

Na Luiz de Bessa me tornei leitora, conheci a importância de uma biblioteca na vida das pessoas e me tornei a bibliotecária que sempre sonhei em ser.

#### MARINA NOGUEIRA FERRAZ

Os livros sempre fizeram parte da minha vida. Desde pequena sempre gostei de ler muito, são meus companheiros inseparáveis. Para onde vou levo um comigo. Sempre vai sobrar um tempinho para ler.

Trabalhar na Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa para mim é um prazer. Estou aqui desde 1994. É um trabalho gratificante e conto com pessoas

maravilhosas, tanto os colegas de trabalho como os leitores da Biblioteca, com quem tenho contato direto, pois trabalho no atendimento ao público.

#### MARIA APARECIDA COSTA DUARTE

Essa Instituição já faz parte integrante da minha vida e da minha rotina. Tornou-se um delicioso vício. Em suas dependências buscamos e encontramos, nos periódicos e nas revistas, as informações e orientações que nos mantêm em dia com os principais acontecimentos do país e do mundo, contribuindo e alicerçando-nos em várias decisões, fornecendo-nos o precioso combustível da informação que, além de nos suprir o intelecto, capacita-nos para um diálogo abalizado e convincente. Em suas dependências também encontramos no seu grande, variado e rico acervo literário, o principal alicerce que nos enriquece intelectualmente mas, principalmente, capacita-nos para uma melhor compreensão e discernimento nos embates da vida. A boa leitura não é só alimento da alma: enriquece o nosso vocabulário, o pensamento parece fluir com mais leveza e o espírito se apascenta e se acalma. Como se tudo isso não bastasse, gostaria de, não o último, mas por último, fazer um registro que, para mim, se tornou imprescindível: a qualidade dos seus colaboradores. É sempre motivo de alegria encontrá-los e receber deles o melhor tratamento e consideração. Aí fiz muitos amigos nos seus quadros e deles sempre encontro uma palavra de carinho e estima. Para mim, esse é o melhor acervo da “nossa” sessentona Biblioteca. Acervo que não tem preço, reposição, nem condição de substituição.

#### GISELDA VAZ DA COSTA PRAZERES

